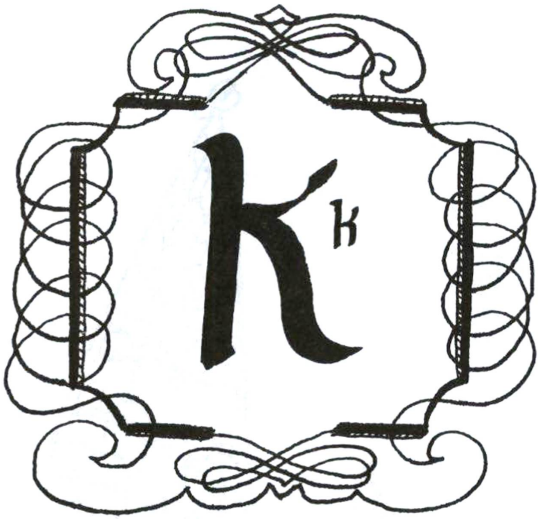


1. Formas Antigas

fenício (semítio), 1000 A.C. grego ocidental, 800 A.C. latino, 50 D.C.



2. Nos Manuscritos Gregos do Novo Testamento



3. Formas Modernas

K *K* k *k* K K k k K *K* k *k* *K k*

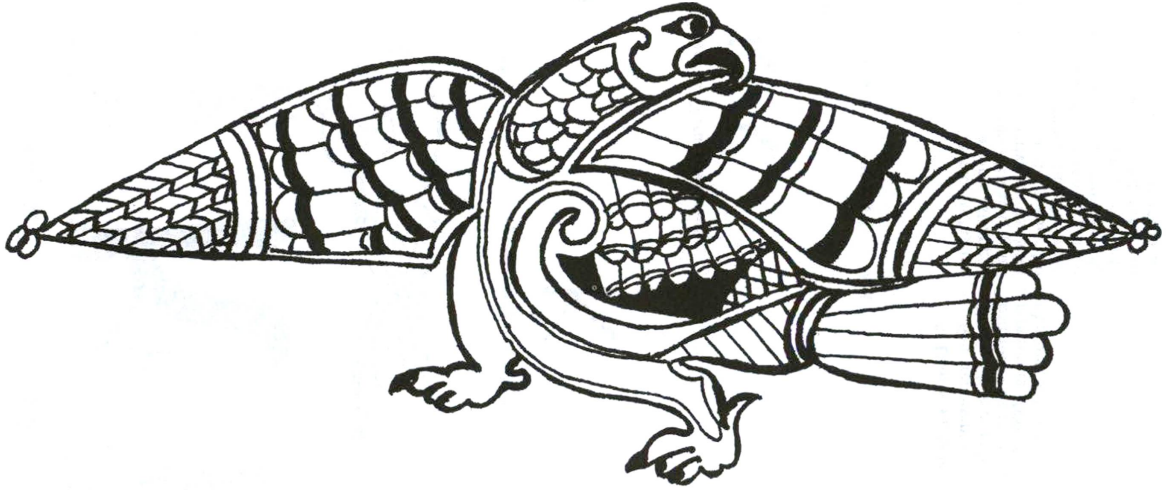
4. História

K é a décima primeira letra do alfabeto português, embora usado somente no caso de palavras estrangeiras. No português, suas funções são efetuadas pelas letras *C* e *Q*. Historicamente, deriva-se da letra semítica consonantal *kaph*, «palma da mão». No grego, essa letra tornou-se o *kappa*, quando então adquiriu o formato dado a essa letra. No grego tinha o fonema «k». No latim, esse fonema era representado pelo *C* e pelo *K* (entre outros). Quando a conquista normanda levou o idioma francês a misturar-se ao inglês (no século XI D.C.), o K foi restaurado ao alfabeto, substituindo, em alguns casos, ao C, embora ambas as letras continuassem a ser comumente usadas. Naturalmente, isso não sucedeu ao espanhol, e, nem mais tarde, ao português.

5. Usos e Símbolos

Km representa quilômetro; KO é nocaute (no boxe); KW é o quilowatt; KW-H é o quilowatt-hora. Em todas as abreviações de fundo matemático, o K representa 1000. *K* é usado como símbolo do *Codex Cyprius*, descrito no artigo separado *K*.

Caligrafia de Darrell Steven Champlin



Arte céltica, a águia, símbolo do evangelho de João, Livro de Kells

Reprodução Artística de
Darrell Steven Champlin

K

K

K. O **Códex Cyprius**, é um dos mais importantes membros da Família Pi de manuscritos, os quais variam desde o tipo de texto bizantino anterior até o posterior. Acha-se na Bibliothèque Nationale, em Paris. Data do século XI-X D.C. e contém os evangelhos. Os estudos sobre a Família Pi foram iniciados por Silva Lake, tiveram prosseguimento com Russell N. Champlin e foram continuados por Jacob Geerlings, que estudaram, respectivamente: Marcos, Mateus, Lucas e João. Foi reconstituído o arquétipo da família, um manuscrito de cerca do século V D.C. de texto tipo posterior, mas um tanto parecido com o *Alexandrinus*. A Família Pi é o maior grupo de manuscritos que se conhece, descendente de um ancestral comum, incluindo cerca de cem membros. Ver o artigo geral sobre *Manuscritos do Novo Testamento*.

KA

No Egito antigo era tido como o espírito guardião e companheiro que acompanha a alma humana, enquanto a alma vive no corpo físico e também no além-túmulo. Essa doutrina parece-se com o conceito hebreu-cristão do anjo da guarda. Ver o artigo geral sobre *Anjo*, e também sobre *Anjo da Guarda*. Nas religiões orientais há o conceito do «superego», considerado como a dimensão superior do próprio indivíduo. Ali, o ensino sobre essa entidade é similar ao da idéia do anjo da guarda. Ver sobre o *Sobre-ser*.

KABIR

Foi Ramananda (vide) quem deu o ímpeto inicial à forma *Bhakti-Sufi* do misticismo hindu, com seu ensino da existência de uma inspiração direta, que é parte importante da doutrina desse sistema místico. Kabir (1400 A.C.) foi seu mais importante discípulo. Nanaque (que vide) foi o fundador da religião Sikh, e sofreu influências da parte de Kabir. Ver o artigo geral sobre o *Hinduísmo*, especialmente sob 5c.

KAEHLER, MARTIN

Foi um teólogo protestante alemão. Nasceu em Neuhausesn, na Prússia Oriental, em 1835. Foi professor de Teologia Sistemática em Bonn, e então em Halle. Foi influenciado por R. Rothe e J.T. Beck (ver os artigos). Ao desenvolver uma forma de pietismo neoluterano, ele exibiu considerável originalidade e profundidade, procurando combinar a teologia experimental com o cristianismo bíblico. Sua idéia central e normativa era a indissolúvel unidade do histórico e do supra-histórico, dentro dos eventos bíblicos. Reprovava a teologia que contrastava o Jesus histórico com o Jesus teológico, segundo faziam os protestantes liberais. Seu ensino era primariamente soteriológico. Tinha como suas autoridades a tríada Bíblia-Igreja-experiência pessoal. Porém, sua redação era um tanto desajeitada e obscura, o que impediu que sua teologia se tornasse mais influente. Apesar disso examinou com clareza e perspicácia os problemas com que se defrontam a Igreja e a sociedade. Os desenvolvimentos teológicos na Alemanha, desde a sua época, refletem a sua influência. Foi autor de muitos livros e artigos, incluindo o *Dogmatische Zeitfragen*, em três volumes.

KAFIR

Essa palavra vem do árabe, onde significa «infiel». Sua raiz é *kafara*, «ser cético». Esse é o epíteto que os islamitas dão a todos os incrédulos em seu sistema religioso. É possível que o termo persa que significa incrédulo ou infiel, *gabar* (que vide), derive-se dessa palavra.

KAFTAN, THEODOR

Suas datas foram 1847-1932. Foi superintendente geral eclesiástico em Schleswig. Desenvolveu uma versão moderna do luteranismo que substituía o elemento metafísico da fé viva, opondo-se àqueles que estavam tendo dificuldade com um ponto de vista sobrenatural da fé cristã. Seu principal adversário foi Troeltsch (que vide).

KAHNIS, KARL FRIEDRICH AUGUST

Suas datas foram 1814-1888. Foi professor em Breslau e Leipzig. Procurou eliminar a oposição entre o Novo Testamento e o dogma da Trindade ao conceber o Filho e o Espírito como Deus em posição subordinada, fazendo a divindade Deles assumir um sentido secundário e terciário. Ele exerceu o papel de mediador dentro das disputas dogmáticas. Foi autor de certo número de livros e artigos, incluindo uma teologia em três volumes, *Lutherische Dogmatik*.

KAIBARA EKKEN

Nasceu em 1630 e faleceu em 1714. Foi um filósofo japonês. Nasceu em Fukuoka e se educou em Kyoto. Era neoconfucionista, salientando o amor cósmico como o princípio fundamental de todas as coisas, ampliando a interpretação cósmica do *jen* (que vide). Seus principais escritos foram *The Great Doubt* e *The Great Learning for Womem*.

KAIRÓS

Palavra grega que significa «tempo», o tempo determinado para algum propósito específico, um tempo favorável ou certo, um tempo de crise, como os últimos dias. O termo acha-se em Marcos 1:15 como o «tempo determinado» para o cumprimento do propósito divino. Nas obras de Paul Tillich (que vide) o termo obteve lugar proeminente na teologia. Ele usava a palavra para indicar aqueles tempos de crise, tempos críticos, que exigem decisões existenciais específicas, enquanto ainda há oportunidade para tais decisões. A vinda de Cristo e a sua futura *parousia* (que vide) são duas oportunidades assim. Em conexão com essa palavra temos a considerar as decisões existenciais de cada indivíduo. Há decisões que a pessoa deve fazer, de acordo com os requisitos de sua missão. São decisões importantes, que produzem efeito sobre o curso da vida do próprio indivíduo.

KALAM

Esse é o termo árabe que significa «fala». Na filosofia islâmica aponta para o uso de provas filosóficas em justificação às doutrinas religiosas. Nisso há uma espécie de teologia escolástica islâmica. Os que se ocupam dessa atividade são chamados *mutakallimun*. Ver o artigo sobre o *Escolasticismo Islâmico*. Essa prática inclui debate público e

particular dentro do islamismo e com membros de outras convicções religiosas. Em outras palavras, os teólogos-filósofos muito se divertem, debatendo idéias. Os meros teólogos perdem muito da diversão.

KALEVALA

Esse é o nome do épico nacional da Finlândia. Contém cinqüenta divisões com cerca de quinhentas linhas cada. Foi compilado com base em canções populares de patriotas finlandeses, sendo reputado como um dos grandes épicos da civilização humana. Muitos compositores estiveram envolvidos na seleção, alguns deles desconhecidos na atualidade. Os cânticos de heróis remontam a tempos pré-cristãos. Alguns dos poemas lendários são relatos sobre Cristo, sem base na vida real. O compilador da Kalevala foi Elias Lonnrot, que percorreu a Finlândia em busca de material. A obra foi publicada, pela primeira vez, em 1835. Publicações posteriores adicionaram considerável material, fazendo a obra crescer de doze mil para vinte e duas mil, setecentas e noventa e três linhas.

KALI

Esse é o nome de uma deusa hindu, esposa de Shakti ou Shiva (que vide). Ela era representada de forma espantosa, com um colar de cabeças humanas, um cinto feito de vários braços humanos, segurando uma espada tinta de sangue em uma de suas muitas mãos. Algumas vezes ela aparece de pé, com um dos pés sobre o seu marido caído ao solo. Apesar disso, ela é reverenciada como «a mãe». Até hoje lhe são oferecidos holocaustos de animais, a única divindade hindu a ter essa distinção. No hinduísmo mais sofisticado (que vide) ela é referida como a personificação das forças cósmicas, Por essa razão, ela é reputada criadora de todas as coisas, inclusive de Shiva, seu marido. A trindade hindu (que vide) consiste em Saiva (destruidor), Brahma (criador) e Vishnu (preservador). Ver o artigo separado sobre *Saiva*.

KALPA

De acordo com o hinduísmo, um período mundial, o tempo que passa entre a criação de um mundo e a sua destruição. Algumas escolas do hinduísmo supõem que haverá uma eterna sucessão de «kalpas». Ver no Bhagavad-Gita IX, 7; VIII,17-19; Svetasvatara UP III,2, quanto a declarações por detrás dessa idéia. Essa noção, naturalmente, aproxima-se da idéia estóica dos ciclos cósmicos, bem como de uma possível aplicação da teoria astronômica do *big bang* (grande explosão). Ver o artigo sobre a *Astronomia*, sétimo ponto.

KAMI

Palavra japonesa que significa **divindade**, **deus** ou *deusa*. Em sua origem, a palavra tem um sentido similar ao *mana* (que vide) ou seja, poder oculto.

KANADA

A obra literária **Vaiseshika Sutra** foi composta por Kanada, algum tempo depois de 300 A.C. A *Vaiseshika* (que vide) é um dos seis sistemas do pensamento hindu, que teria surgido após o período dos Vedas.

K'ANG YU-WEI

Suas datas foram 1858-1927. Filósofo chinês, nativo de Kwangtung. Era um neoconfucionista. Obteve o grau de erudito, em Pequim, em 1891. Mostrou-se ativo propositor de programas reformistas. Em 1898, com a ajuda do imperador, impôs a Reforma dos Cem Dias. Mas o movimento entrou em colapso, e K'ang foi exilado por dezesseis anos. Voltou à China em 1912, quando a república foi estabelecida. Em 1914, advogou o confucionismo (que vide) como a religião oficial da China. Nos anos de 1917 e 1924, tentou reempossar o deposto imperador Hsuan-T'ung. Seu principal escrito foi o *Livro da Grande Unidade*.

Idéias:

1. A história do mundo evolui mediante três fases: a. a fase da desordem; b. a fase da paz crescente; c. a fase da grande unidade. Vários subciclos estão envolvidos nas três fases principais. Confúcio teria nascido em um período de desordem; daí a sua missão. Estamos em um período de paz crescente, e ainda esperamos pela era da grande unidade. Sem dúvida esse é um conceito comum nas religiões, embora expresso variegadamente.

2. A vida humana consiste, essencialmente, em sofrimento, quase sempre produzido por divisões e distinções como aqueles de estados, classes sociais, distinções entre os sexos, distinções no seio da família, sistemas injustos discriminadores e distinções de espécies.

3. A paz será estabelecida quando as distinções cessarem. Então haverá uma humanidade unida, de uma só raça, de uma só família, com um único amor por todos, com uma só qualidade.

4. Os atos próprios da fase da desordem serão eliminados, pois as ações concorrerão para promover a harmonia e a unidade. O valor subjacente em todos os atos é o *jen* (que vide) ou seja, atos humanos impelidos pelo amor. O amor é a força por detrás da unidade.

5. O *jen* também seria o poder de atração no universo, a força unificadora. Todos os elementos físicos estão envolvidos nessa força, de um amplo ponto de vista.

KANT, EMANUEL

Esboço:

Introdução
1. Seu Problema Filosófico
2. Teoria do Conhecimento
3. Noções de Metafísica
4. Noções de Ética
5. Noções de Estética
6. Influências e Reações Contrárias
7. O Três Mundos de Kant

Introdução:

Suas datas foram 1724-1804. Foi filósofo alemão, nascido em Konigsberg, um dos centros do pietismo alemão, cuja influência ele sentiu na juventude. Educou-se na Universidade de Konigsberg, onde mais tarde ensinou como professor de lógica e metafísica. Ainda em seus dias gozou de grande reputação, e poucos anos após a publicação de sua *Crítica da Razão Pura*, suas teorias estavam sendo discutidas nas principais universidades alemãs. Konigsberg tornou-se um refúgio de jovens filósofos. Kant era

homem de grande erudição, conforme já seria de esperar. Estudava muito. Despertava às cinco da madrugada e estudava durante duas horas; dava duas horas de preleções e retornava aos seus estudos até uma hora da tarde. Comia com freqüência em restaurantes, trocando freqüentemente de restaurante, para não ser alvo de olhares curiosos. Uma parte de cada tarde era passada no preparo de suas preleções. Recolhia-se ao leito às nove ou dez da noite. Seu criado, que o serviu durante toda a vida, afirmou que, em trinta anos, nunca Kant deixou de acordar às cinco horas da madrugada. A cada manhã ele fazia uma caminhada, no que ele se mostrava tão regular que as pessoas eram capazes de acertar seus relógios conforme o momento em que ele passava diante de suas casas.

Kant era homem dotado de mente muito curiosa, interessando-se por grande variedade de assuntos. Um de seus alunos afirmou que «nada do que é digno de ser sabido era indiferente para ele». Sua ênfase filosófica sobre a insistência da experiência, como base do conhecimento, ligada ao pressuposto que os sentidos físicos não nos concedem um conhecimento seguro, derivou-se de sua leitura das obras de David Hume (que vide) o qual, conforme disse o próprio Kant: «Interrompeu minha sonolência dogmática e me deu uma direção inteiramente diferente para minhas pesquisas no campo da filosofia especulativa». Contudo, aquilo que ele retirou, por meio de suas *proposições* empíricas, restaurou por meio de seus *postulados* da razão prática, especificamente a crença nos valores morais, em Deus e na alma.

Kant não era dotado de robustez física, razão de sua vida tão ordeira. Ele nunca deixou Konigsberg. Chegava a ser neurótico quanto às doenças, e andava de boca bem fechada, porque pensava que nada convida tanto as enfermidades como andar de boca entreaberta. Em seus dias, Konigsberg ficava na Prússia Oriental; mas, em nossos dias, fica dentro da União Soviética, com o nome de Kaliningrado.

Kant escreveu quase todos os seus livros e tratados já nos últimos anos de vida. Escreveu muito. Sua obra-prima foi a *Crítica da Razão Pura*. Outras obras importantes: *Crítica da Razão Prática; Crítica do Juízo*. Essas eram as suas três críticas. A primeira dessas obras é uma das jóias da filosofia, embora seja de leitura difícil. O próprio Kant dizia que ela é «seca, obscura e longa demais». A segunda *crítica*, embora mais agradável à fé religiosa, é inferior quanto ao poder mental e à força de expressão. Não obstante, essa obra tem exercido grande influência sobre a filosofia moral. A terceira crítica aborda a natureza da estética e dos juízos teológicos, dotado do toque de um mestre, como nas duas primeiras.

••• ••• •••

Na **Crítica da Razão Pura**, Kant provê um extenso exame da tese básica de que a metafísica, que fora a rainha das ciências, poderia ser reposta em seu devido lugar. As escolas estavam sendo abaladas por intermináveis controvérsias teológicas e metafísicas. Ele procurou encarar isso por outro ângulo, levando em conta as evidências e os avanços do pensamento científico. O título *Crítica da Razão Pura* envolve a idéia de um «raciocínio a priori», provocando a pergunta: «Que se pode obter com base na razão isolada?» Nessa obra, ele põe-se ao lado dos empiristas, negando a validade das idéias inatas, anteriores à experiência pessoal. O antigo pressuposto do empirismo era que o nosso conhecimento deve conformar-se à percepção dos objetos. Porém, ele não estava satisfeito com esse esquema. Isso posto, partiu da idéia que os objetos devem conformar-se ao nosso conhecimento. Então ele descobriu esse conhecimento nas *categorias mentais*. Desse modo podemos chegar a um conhecimento empírico, *a priori*, visto que tudo, em nossa experiência, deve moldar-se às categorias já existentes na mente humana. Desse modo, temos um idealismo *subjetivo* (que vide). Kant chegou à conclusão de que o conhecimento através dos sentidos não pode provar a existência de Deus, da alma e de outras proposições metafísicas, porquanto faltam-nos sentidos capazes de perceber essas realidades, pois são transcendentais à percepção de nossos sentidos físicos. Mas, admitindo a razão, a intuição e a experiência mística como meios pelos quais chegamos aos postulados, isto é, crenças e conhecimentos necessários para um sistema de idéias lógico e bem-ordenado, ele restaurou aquilo que eliminara em sua primeira crítica, alicerçando sobre bases *não-empíricas* a crença nessas realidades.

Esboço de Idéias:

1. Seu Problema Filosófico

a. O **racionalismo** (como aquele expresso por Wolff) e o *empirismo* inglês influenciaram o seu modo de pensar. As principais correntes de pensamento de seus dias, o empirismo, o ceticismo e o misticismo exerceram sobre ele a sua influência.

b. Ele tentou dar crédito ao *ceticismo* de Hume, naquilo que o mesmo tem valor. Porém, limitou o alcance do ceticismo, por admitir que o conhecimento metafísico não pode ser obtido através do empirismo. Apesar de admitir isso, pretendia Kant destruir o materialismo, o fatalismo e o ateísmo, embora sobre bases não-empíricas. Também queria garantir uma base para a teoria do conhecimento, compreendendo melhor seus meios e limitações, e sua extensão possível.

2. Teoria do Conhecimento

Segundo Kant, o conhecimento deve ser universal e necessário.

a. Juntamente com os racionalistas, ele pensava que esse conhecimento deve girar em torno da física e da matemática.

b. Juntamente com os empiristas, ele pensava que o conhecimento é aquilo que nos chega através da experiência adquirida pelos sentidos físicos.

c. Também juntamente com os empiristas, ele cria que só *sabemos* quando percebemos, um tipo de conhecimento que ele chamava de *proposições*.

d. Juntamente com os racionalistas, ele concordava que a verdade universal e necessária não pode derivar-se do empirismo.

e. Com base no seu ângulo particular de ver as coisas, ele ensinava que apesar do conhecimento chegar-nos através dos sentidos, ainda assim somos possuidores de uma mente que já possui todas as categorias do conhecimento, o que nos provê um arcabouço para a operação da percepção dos sentidos, e do qual os sentidos são totalmente dependentes. A mente arruma a experiência de acordo com essas categorias. Portanto, temos um conhecimento empírico, *a priori*. Podemos pensar sobre as coisas, embora sem saber os fatos do mundo empírico (ceticismo).

f. Portanto, não conhecemos a natureza das *coisas em si mesmas*, ou seja, sua natureza verdadeira e metafísica.

g. *As categorias da mente*. Essas foram classificadas por Kant formando quatro grupos de três elementos cada:

Quantidade	*Relação*
Unidade	Substância-acidente
Pluralidade	Causa-efeito
Totalidade	Reciprocidade ou Comunidade

Qualidade	Modalidade
Positiva	Possibilidade-Impossibilidade
Negativa	Actualidade-Não-actualidade
Limitada	Necessidade-Contingência

A mente operaria através dessas categorias, impondo à experiência, em todas as suas nuances, esses modos de pensar. O conhecimento, portanto, seria, ao mesmo tempo, tanto *a priori* (analítico) quanto *a posteriori* (sintético).

Ver o artigo geral sobre *Categorias*, que envolve uma atividade filosófica com longa história; ver também o artigo sobre Aristóteles, quanto ao primeiro sistema bem-desenvolvido de categorias mentais.

h. Por meio da *razão prática*, que envolve o raciocínio, a intuição e as experiências místicas, estabelecemos *postulados* que nos conferem um conhecimento metafísico e moral. Com bases morais, cremos na existência de Deus e da alma. Devemos postular que este mundo é governado pela lei, e não pelo caos. Assim raciocinando, devemos afirmar que a alma sobrevive à morte, porquanto, se assim não for, então o caos é que reina, visto que a justiça nunca é plenamente servida na terra. Visto que a justiça não é servida neste mundo, então deve ser servida na vida *além* desta. Segundo Kant, a alma terá de sobreviver ao menos até que toda boa ação tenha sido recompensada, e até que toda má ação tenha sido punida. Além disso, torna-se necessária a existência de um Juiz capaz de recompensar e de punir. E somente o conceito da divindade pode assegurar-nos a justiça absoluta. Portanto, Deus deve existir. Porém, chegamos a esse conhecimento por vias não-empíricas. Isso significa que os argumentos em prol da existência de Deus, como os argumentos cosmológico e teleológico (ainda que eles sejam impressionantes) não são argumentos válidos. Ver sobre os artigos separados, *Argumento Cosmológico*, e *Argumento Teleológico*. Além disso, também fica invalidado o *Argumento Ontológico* (que vide). Porém, aquilo que esses argumentos não conseguem provar, o *Argumento Moral* (que vide) o faz. A essa altura, entretanto, já teremos abandonado o conhecimento empírico, baseado em proposições, e teremos adotado os postulados da razão prática.

i. *As antinomias*. Ver sob 3,h.

j. *Tipos de juízo*. Esses são o *analítico* e o *sintético*. O juízo analítico é aquele que a razão nos oferece sem qualquer investigação empírica, como se dá no campo da matemática, cujas proposições são verdadeiras, mesmo sem qualquer prova empírica. Os juízos sintéticos são aqueles que nos chegam através da experiência, com o acúmulo de informes dados pela percepção dos sentidos. Usualmente, esses tipos de juízos são separados na filosofia, visto que o primeiro pertence ao racionalismo, e o segundo ao empirismo. Porém, nos escritos de Kant eles são reunidos, visto que todos os juízos sintéticos precisam originar-se nas categorias analíticas da mente. Portanto, o conhecimento *a priori* impõe sobre o mundo os seus juízos a posteriori.

O conhecimento, isso posto, consiste em juízo sintético *a priori*. É uma idéia grandiosa, mas é verdadeira? Temos aí o *idealismo subjetivo*.

A. Idealismo Subjetivo. Dentro da teoria do conhecimento (gnosiologia), o idealismo significa que o mundo é conhecido através das idéias, e não através dos sentidos. O idealismo subjetivo é a idéia de que o mundo é a *minha* idéia. As categorias de Kant levam-nos a essa conclusão. A minha idéia é comprovada no mundo através da experiência, porquanto a minha idéia é imposta sobre o mundo, conferindo-lhe a sua forma. Um idoso rabino disse a mesma coisa de outra maneira, quando afirmou: «Não vemos as coisas como elas são. Vemos as coisas conforme *nós* somos».

Porém, poderíamos indagar: O mundo realmente existe de forma independente, ou apenas conforme a minha (ou a nossa) idéia? Para alguns idealistas, a resposta deve ser negativa. O mundo consistiria somente em idéia. Mas, para outros, a resposta deve ser positiva, embora com o reparo de que aquilo que posso *saber* do mundo é a minha própria idéia. Seja como for, para Kant não podemos conhecer as coisas em sua verdadeira natureza (as coisas em si mesmas, conforme dizem os filósofos). Nossas mentes impõem sobre o mundo as formas que ali experimentamos, mas não podemos afirmar que essa imposição nos revela qualquer coisa sobre a natureza real das coisas que experimentamos. A ciência, naturalmente, adiciona evidências a isso, demonstrando que o átomo continua sendo uma entidade misteriosa, a despeito de todo o nosso progresso científico, e a despeito de que o átomo é básico em todo o nosso mundo físico.

B. O Idealismo Metafísico, por sua vez, afirma que a realidade consiste em mente-substância, — e não em substância material. Isso significa que a realidade última não é o átomo físico, porquanto o próprio átomo compor-se-ia da concentração de energias psíquicas, originárias da Idéia. E, conforme o teísmo, a idéia origina-se na mente de Deus.

3. Noções de Metafísica

a. Idealismo. Ver sob o segundo ponto, item j.

b. Sobre Deus. Já vimos que Kant desistiu dos argumentos tradicionais sobre a existência de Deus, preferindo o argumento moral. Ver segundo ponto, h.

c. Sobre a alma. Ver a mesma seção.

d. A vontade, e não a razão, seria a base de nossas faculdades, bem como das coisas. O verdadeiro Deus, segundo Kant, consistiria em *liberdade*, posta a serviço do ideal.

e. A razão prática é dotada de grande autoridade, sendo superior à razão teórica.

f. A religião, dentro dos limites da razão, consiste em moralidade. E o cristianismo, excluídos os seus dogmas complexos, exprime a moralidade eterna.

g. A teleologia é um importante princípio metafísico, ao qual chegamos mediante a razão prática. É uma teoria acerca de fenômenos. É *subjetiva* por criar prazer e harmonia; e é *objetiva* por criar condições apropriadas, através das conseqüências de nossas experiências. Kant respeitava o argumento teleológico, embora opinasse que, quando muito, pode provar que o universo tem um arquiteto, e não um Criador no seu sentido absoluto.

h. Na especulação metafísica, vemo-nos envolvidos em *antinomias*, que seriam quatro, a saber:

Antinomia da quantidade. O universo é uma quantidade, sem limites quanto ao tempo e o espaço, infinito e eterno. Ou seria limitado?

Antinomia da qualidade. A matéria compõe-se de elementos simples ou átomos (chamados *teses*). A matéria é infinitamente divisível (o que se chama *antítese*).

Antinomia da relação. Aquilo que chamamos de mundo não é o mundo propriamente dito. Antes, é o mundo que nos é imposto pela sensibilidade e pelo pensamento, resultante das funções combinadas do intelecto — dois fatores desconhecidos.

Antinomia da modalidade. No mundo, e acima do

mundo, existe um Ser necessário, uma causa absoluta do universo. Nesse ponto, porém, temos a discussão sobre os argumentos tradicionais em prol da existência de Deus, os quais fracassam em seu intuito.

Tudo isso significa que a *antinomia* consiste em duas proposições contraditórias, a tese e a antítese, cada uma das quais pode ser provada como verdadeira.

Uso das antinomias. Quando tentamos ampliar nosso conhecimento para além do campo da experiência, vemo-nos envolvidos na *dialética*, e essa dialética nos leva a contradições. As quatro antinomias são o âmago das contradições para onde somos então conduzidos.

4. Noções de Ética

a. A única coisa boa não-qualificada é a boa vontade. Uma vontade é boa se segue o princípio da autonomia, isto é, se sua lei é ela mesma apenas, o que repousa sobre a razão. Se, sobre a vontade, houver qualquer imposição externa, então ela já será heterônoma, ficando assim sacrificada a verdadeira moralidade. É a vontade divina (noumenal) que empresta à vontade humana a sua qualidade, porquanto Deus é a própria essência da vontade moral.

b. O eudemonismo (que vide). O homem bom merece ser feliz, mas somente Deus pode garantir a conexão entre a virtude e a felicidade.

c. A ênfase fanática sobre o *dever*, dentro da moralidade.

d. O homem jamais deve ser tratado como um mero meio, porquanto ele é uma finalidade em si mesmo, uma entidade que merece todo o respeito.

e. Os imperativos hipotéticos. Uma pessoa chega a certas finalidades agir do com prudência, mediante as habilidades que tiver desenvolvido. Essas são medidas práticas de todas as nossas ações.

f. *O imperativo categórico*. Acima dos imperativos práticos e hipotéticos, temos a Regra Áurea da ação humana, que tem o título de *imperativo categórico*. Essa é a grande lei moral que deve governar todas as coisas. O seu poder consiste em sua universalidade. Há três pontos a serem considerados: Primeiro. Devemos agir sempre de tal modo que possamos querer que aquilo que *fazemos* se torne uma *lei* universal. Devemos agir de tal maneira que nossas ações determinem o que todas as pessoas sempre devem fazer. Segundo. Sempre tratemos a humanidade, existente em nós mesmos e nas outras pessoas como um fim, e jamais como um meio apenas. Esse é o imperativo prático que constitui parte do primeiro conceito. Terceiro. Sempre devemos agir como se fôssemos membros de um reino meramente possível de fins, o que nos manterá sempre humildes.

g. Argumentos morais. Ver 2.h. Ver um desenvolvimento mais detalhado da *ética de Kant* no artigo sobre *Ética*, seção VIII.

5. Noções de Estética

a. O juízo estético (qual é o sentido das artes?) não está vinculado ao desejo, não tendo mais do que uma universalidade subjetiva.

b. O juízo estético não é teórico e nem prático em seu caráter. Antes, é um fenômeno que repousa sobre uma base subjetiva.

c. O juízo estético (o que isto significa? o que isto comunica?) origina-se da harmonização entre o objeto de arte e as nossas faculdades da vontade e do entendimento. Quando há o senso de harmonia, então dizemos: Isto é *agradável*. E quando um objeto de arte adapta-se às nossas faculdades, dizemos: isto é *belo*.

d. Quando as nossas faculdades são forçadas a adaptar-se a algum objeto, devido à sua grandiosidade, então experimentamos o *sublime*.

e. A criação estética é o produto não da regra ou da técnica, e, sim, do gênio.

f. Os juízos estéticos não são morais. Não julgamos os objetos de arte. Os juízos estéticos também não são práticos. Antes, são subjetivos. Esses juízos são desinteressados. Neles há um elemento de universalidade. Isso é o que excita nas pessoas os sensos de agradável, de belo, de nobre e de sublime. O sublime é o belo, dentro de uma espécie de atmosfera sem limites. É algo *sui generis*. É a experiência de um momento de grandiosidade, mediante a influência de algum objeto de arte.

6. Influências e Reações Contrárias

É inegável que Emanuel Kant foi um dos maiores filósofos de todas as épocas. Nem por isso, deixou de haver oposição e críticas acerbas contra ele. Se não tivesse havido tal oposição, diríamos que nenhum filósofo lera as suas obras. Suas idéias metafísicas eram contrárias às da Igreja Católica Romana, segundo a concepção de Tomás de Aquino. Porém, muitos protestantes adotaram seus pontos de vista, sem esperança de encontrar provas da existência de Deus na natureza, o que significa que faziam seu caso depender somente da fé e das Escrituras (revelação). Poderíamos mesmo fazer a seguinte equação: o que Tomás de Aquino é para a Igreja Católica Romana, Kant o é para o protestantismo. Naturalmente, isso é uma exagerada simplificação, porquanto a influência de Kant, entre os protestantes, não pode ser comparada com a influência de Tomás de Aquino entre os católicos romanos.

Também precisamos considerar esta outra questão: Herder (que vide) opunha-se ao dualismo kantiano das faculdades mentais, salientando a unidade da vida-alma. O pensamento e a vontade, no dizer dele, originam-se na mesma fonte. Jacobi (que vide) percebia claramente que a Crítica da Razão Pura, de Kant, termina em um idealismo subjetivo, rejeitando assim todas as conclusões dele. Os moralistas cristãos preferem o ponto de vista heterônomo, que diz que Deus impõe a sua vontade e as atitudes morais por meio da revelação, e não, principalmente, por meio da vontade moral do homem, como na consciência, embora admitam que essa idéia tem algum valor. Os materialistas, por sua vez, objetam ao truque de Kant de retirar todas as especulações sobre Deus e a metafísica, em sua *Crítica da Razão Pura*, somente para restaurá-las em sua *Crítica da Razão Prática*. Os filósofos sempre usaram esquemas deste tipo, mas esse truque de Kant parece demais para os materialistas. Os cientistas objetam às nebulosas categorias mentais de Kant, preferindo ficar com o empirismo simples ou sofisticado. A despeito de tantas críticas, não há como predizer quando a influência de Kant terminará, ou se ao menos terminará algum dia. (AM BE E H MM P)

7. Os Três Mundos de Kant

Ver o artigo geral sobre **Ética**, seção VIII.

KAPILA

Teria sido esse o nome do fundador da escola *Sankhya* da filosofia hindu, um dos seis sistemas ortodoxos daquela fé. Ele viveu no século VII A.C. Ver os detalhes no artigo sobre a escola *Sankhya*.

KAPLAN, MORDECAI M.

Nasceu em 1881. Ele é um dos expositores do judaísmo moderno, promotor de um sistema intitulado *reconstrucionismo*. Seus pensamentos centrais são

os seguintes: A religião é a consciência de valores de grupos. As aspirações universalísticas do judaísmo, do cristianismo e do islamismo são ilusórias. A vitalização da religião judaica requer a intensificação da consciência nacional judaica. O judaísmo é uma civilização, e não apenas uma religião. A religião é uma reação saudável diante da vida. O ponto central da crença religiosa é a fé de que os ideais da humanidade, finalmente, concretizar-se-ão. Deus está limitado aos esforços realmente observados dos homens. Kaplan acreditava que os princípios tradicionais do judaísmo precisam ser reinterpretados, requerendo uma modificação que passe de uma simples religião para um sentimento nacionalista.

KARAÎTES Ver **Caraítes.**

KARMA

No sânscrito, **kri** significa «feito», «ação». A idéia é que tudo quanto fazemos deve ser acompanhado por sua devida recompensa ou por seu devido castigo, ou seja, por seu resultado apropriado. A idéia inclui a noção da *reencarnação* (que vide) porquanto é tão perfeitamente óbvio que uma única vida terrena não provê a oportunidade adequada para a recompensa ou para a punição adequada. O princípio de causa e efeito não pode ser limitado a uma única vida. Por conseguinte, a alma deve existir. A idéia também inclui, necessariamente, o conceito da *preexistência* (que vide) da alma.

1. *No hinduísmo*. Ver o artigo separado a respeito. O *karma vidhi*, o «caminho das obras», é um importante conceito desse sistema, requerendo justiça absoluta, de acordo com os atos de cada um.

2. *No jainismo*. Ver o artigo separado a respeito. O princípio do *karma* está envolvido em tudo, descendo até o nível do átomo, de tal modo que ali existe o conceito da *matéria kármica*.

3. No *budismo hinayana* (Theravada). Ver o artigo sobre o *Budismo*, terceiro ponto. Temos aí um tipo diferente de conceito. Nessa variedade do budismo, não se acredita que a alma vá de um corpo para outro, em uma série de reencarnações. Antes, crê-se que o que se reencarna são tipos de campos mentais e suas respectivas atitudes, que se apegam a um novo corpo humano, e ali exercem seus efeitos. Nesse caso, um novo corpo convive com antigas atitudes mentais, talvez encaradas como uma espécie de campo de força, mas não como um espírito eterno, autoconsciente. Esses campos mentais poderiam fazer alguém lembrar-se de uma vida passada, quando a pessoa pensa que aquilo diz respeito a uma sua vida anterior. No entanto, tudo quanto acontece é que no computador de cada um ficam registrados dados passados, mas que não equivalem a um ser vivo. Outras formas de budismo, como a mahayana (ver o quarto ponto do artigo sobre o *Budismo*) ensinam a realidade da alma. Devemo-nos lembrar que o *Buda* não cultivava a metafísica, e nem especulava sobre a alma ou sobre Deus. O budismo que o acompanha mais de perto continua como ele era, essencialmente um sistema ético. Nessa variedade de budismo não há pesquisas metafísicas, mas a idéia do *karma* está pesadamente envolvida na metafísica.

4. *A liberação*. O conceito do *karma* alude à necessidade de contrabalançar o mal praticado com alguma sorte de pagamento, satisfazendo assim à justiça. A alma que tiver conseguido prestar essa satisfação é liberada dos ciclos terrenos. De acordo com vários sistemas, a alma continua a existir livre, sempre evoluindo; e normalmente há alguma doutrina de participação finita em alguma forma de divindade. Ou então concebe-se uma reabsorção final na divindade, com a perda da individualidade. A doutrina do karma acompanha essas idéias, embora não requeira uma delas mais do que outras quaisquer. Outrossim, a doutrina do karma não requer o conceito de perfeição, mas apenas de vitória coerente, com o pagamento correspondente das dívidas.

5. *A lei da colheita segundo a semeadura*. Em princípio, como é óbvio, a idéia do karma corresponde à lei neotestamentária da colheita segundo a semeadura (Gál. 6:7,8), segundo a qual cada indivíduo recebe aquilo que tiver praticado (Rom. 2:6; Apo. 20:12). Porém, de acordo com o cristianismo ocidental, a colheita, por ocasião do juízo final, não terá qualquer valor remidor ou restaurador, e nem envolverá qualquer reencarnação. Todavia, nas igrejas orientais e anglicana, seguindo ensinos dos pais gregos da Igreja, o julgamento final aparece como uma espécie de karma, porquanto teria efeitos retributivos e restauradores. O trecho de I Pedro 4:6 quase certamente afirma isso. Lemos ali que os homens serão *julgados* com o propósito específico de que *vivam* conforme Deus vive. Além disso, o trecho de Efésios 1:10 fala sobre a restauração geral de todas as coisas, segundo a qual haverá um ajuste de todas as coisas, aos moldes de uma satisfação kármica. Naturalmente, de acordo com o cristianismo a missão de Cristo entra no quadro, porquanto ele pagou as dívidas dos homens, em sua expiação. Isso faz parte da idéia do karma, pelo menos do ponto de vista cristão. Apesar disso, os trechos de I Coríntios 3 e Apocalipse 20 mostram que todo homem, salvo ou perdido, terá de receber sua recompensa ou seu castigo. Isso acompanha a missão de Cristo, em nada contrário a ela. Também devo acrescentar aqui que não pode haver idéia de estagnação na teologia bem pensada. Haveremos de subir sempre para maiores realizações, para uma mais plena espiritualidade. E isso, necessariamente, envolverá a lei da colheita segundo a semeadura, embora o problema do pecado, finalmente, não esteja envolvido nisso. Porém, visto que a salvação envolve um *processo eterno*, mediante o qual iremos participando crescentemente na natureza divina (ver II Cor. 3:18 e II Ped. 1:4), então o karma sempre será uma lei atuante, embora assuma formas diferentes, a fim de adaptar-se aos diferentes estados da alma de cada um.

6. *Karma sem reencarnação*. Os pais gregos da Igreja acreditavam que há oportunidade de salvação para além-túmulo, — bem como o prosseguimento da lei da colheita segundo a semeadura. No entanto, somente em casos especiais ensinavam a operação dessa lei mediante uma série de encarnações terrenas. Mas, de acordo com a opinião deles, a alma, em um outro estado, dá prosseguimento ao programa da colheita segundo a semeadura, e, portanto, de acordo com a idéia do karma.

7. *Reencarnações ao molde do karma, no Novo Testamento*. No judaísmo helenista, cria-se que todos os grandes profetas retornam para cumprir outras missões terrenas. Assim, os rabinos identificavam Moisés e Jeremias como a mesma entidade. A questão de João Batista, que veio no poder e espírito de Elias, está alicerçada sobre essa crença (ver Mat. 17:10 e seu contexto). Esperava-se a reencarnação futura de Elias. Por semelhante modo, os poderes malignos reencarnar-se-iam a fim de cumprir suas missões diabólicas, que Deus usa para seus propósitos específicos. Nesse contexto, encontramos o ensino que

diz que o *anticristo* (que vide) seria a reencarnação de um dos imperadores romanos, talvez Nero (Apo. 17:10,11). Acerca dele, lemos que haveria de *subir do hades*, com o propósito de cumprir uma outra missão maligna. E isso, incidentalmente, ensina que o hades não representa um estado fixo da alma, e que as almas podem sair daquele lugar e voltar à vida terrena, mesmo que, sob permissão de Deus, em casos excepcionais. Ver Apo. 11:7 e 17:8. Os judeus, especulando sobre Jesus, chegaram a pensar que ele seria reencarnação de Jeremias, ou, mais vagamente, de algum profeta antigo. E isso estava em harmonia com a crença popular entre os judeus do começo do cristianismo (Mat. 16:14). As duas testemunhas do décimo primeiro capítulo do Apocalipse são identificadas, segundo a natureza de seu trabalho, com profetas do Antigo Testamento, sendo doutrina comumente aceita que ali temos dois casos de reencarnação.

Sabemos que as escolas dos fariseus ensinavam a idéia generalizada da reencarnação, juntamente com o conceito da preexistência da alma. As referências dadas acima mostram que esses ensinamentos permearam a sociedade judaica em geral. O Novo Testamento incorpora a questão como uma *crença popular* (no caso da reencarnação geral) ou como um *dogma* (no caso de instâncias especiais). O Novo Testamento não endossa a idéia de uma reencarnação geral, como um dogma. Isso não significa, entretanto, que a reencarnação não seja uma doutrina verdadeira, mas somente que é uma doutrina inferior, ignorada na Bíblia porquanto a fé cristã nos apresenta uma esperança mais radiosa. Um ensino inferior como é o da reencarnação, mesmo que fosse verdadeiro, poderia obscurecer a revelação bíblica, se fosse ensinada paralelamente. Uma das razões da missão de Cristo poderia ser a de libertar os homens de suas intermináveis reencarnações. Contudo, o impacto dessa liberação poderia ser embotado se a revelação bíblica, juntamente com o seu ensino sobre a missão de Cristo, tentasse ensinar uma contínua *oportunidade* de salvação, por meio da reencarnação.

Os pais gregos da Igreja ensinavam uma contínua oportunidade de salvação, na existência imaterial após-túmulo, mas rejeitavam o conceito da reencarnação (exceto em casos especialíssimos) porque tal doutrina não figura nos escritos apostólicos. Quando ocorreu o episódio registrado em João 9:1 *ss* (a cura do cego de nascença, por Jesus), os apóstolos ainda acreditavam na reencarnação, segundo quase todos os intérpretes admitem. Porém, chegado o tempo deles produzirem o Novo Testamento, não incorporaram o conceito nos seus escritos. Os apóstolos, pois, não deram continuação a um ensino comum no judaísmo de sua época. – Por que motivo não o fizeram? As respostas podem ser muitas, — mas há duas respostas mais prováveis: 1. O ensino da reencarnação não era considerado como verdadeiro, pelos escritores do Novo Testamento, pelo que eles não o promoveram. 2. O ensino da reencarnação é verdadeiro, mas não era possível ensiná-lo paralelamente à verdade cristã superior da liberação *nesta vida*, sob pena do impacto dessa revelação ser muito debilitado. Minha opinião pessoal, como autor desta enciclopédia, é que me inclino mais em prol da segunda dessas respostas. Todavia, confesso que não tenho certeza sobre esta questão. Preciso de maior iluminação espiritual a respeito. Considero a questão importante porque uma de minhas obcecações sempre tem sido todo o mistério que circunda a *alma* — e a questão da reencarnação está envolvida na questão. Muito tenho estudado sobre o assunto. O artigo geral sobre a *Reencarnação* é bastante extenso, e a questão inteira é ali comentada, e não somente o problema do karma. Como um princípio, a reencarnação não é contrária à missão de Cristo, se for vista apenas como um meio de *oportunidade* — não como um meio de salvação. Salvação, só em Cristo, mediante a obra regeneradora do Espírito. (E EP H NTI)

KARMA-MARGA

No hinduísmo, isso indica **salvação pelas obras**, em contraste com a salvação pela fé ou pelo conhecimento. De acordo com o mestre específico que ensina esse conceito, difere também o tipo de obras envolvidas. Nos tempos védicos, indicava, essencialmente, o sistema de sacrifícios. No jainismo, com freqüência aparece associado ao ascetismo (que vide). Também está associado aos esforços morais, envolvendo até mesmo a lei do amor. O karma em si mesmo, pode indicar uma renovada oportunidade para a continuação pela busca espiritual, não envolvendo quaisquer obras realizadas para efeito da salvação.

KATHENOTHEÍSMO

Esse vocábulo vem dos termos gregos *katá* (conforme), *hen* (um) e *Theós* (Deus). Ou seja, «um deus de cada vez». Max Muller cunhou esse termo para exprimir o teísmo um-de-cada-vez. O vocábulo representa a prática monoteísta védica, de acordo com a qual, a posição dos deuses foi arranjada de tal modo que cada deus, considerado individualmente, é considerado supremo. Essa prática tende por fazer cada descrição tornar-se um atributo ou atributos de um único Deus; mas, ao serem considerados os diversos atributos, fala-se sobre deuses separados. É algo similar aos *universais* ou *idéias* de Platão, o qual, finalmente, veio a referir-se coletivamente a essas idéias como *Deus*, em seu diálogo intitulado *Leis*.

KAUTILYA

Viveu entre os séculos IV e III A.C. Foi um filósofo indiano, ministro do primeiro imperador mauriano. Contribuiu para o desenvolvimento do brahmanismo ortodoxo (que vide) mediante o seu *Artha-Sastra*, um estudo da sociedade do ponto de vista da norma e da utilidade.

Idéias:

A principal finalidade na vida seria a **artha**, ou riqueza. Todos os demais valores dependem desse fator econômico. O poder de um rei depende de muitos fatores, e a felicidade de seus súditos não é o fator menos importante. Portanto, um rei deveria estar vitalmente interessado na promoção do bem-estar de todo o seu povo. Essa é uma das principais obras que podem ser realizadas por um supremo mandatário.

KAUTSHY, KARL

Suas datas foram 1854-1939. Nasceu em Praga, na Checoslováquia. Educou-se em Viena, na Áustria. Tornou-se um marxista aos moldes alemães. Sentiu a influência de Haeckel, Karl Marx e Engels. Foi um expositor clássico do materialismo dialético. Foi um seguidor ultraconservador de Marx e de Engels. Publicou certo número de livros, na promoção das suas crenças, tendo coberto assuntos políticos, éticos e religiosos, mas sempre guiado pelas suas idéias políticas. Ver o artigo geral sobre o *Comunismo*.

KEBLE, JOHN

Suas datas foram 1792-1866. Foi clérigo inglês, erudito e poeta. Ele trouxe ao século XIX a tradição da Alta Igreja dos divinos carlones (que vide). Foi um dos líderes do Movimento de Oxford (que vide) e tradutor das obras de Irineu. Tornou-se melhor conhecido por sua habilidosa poesia, de considerável qualidade devocional. Sua mais importante publicação, onde também essa qualidade pode ser melhor observada, chama-se *The Christian Year*, que obteve imensa popularidade. Keble era homem de grande piedade pessoal, e assim encorajou o aprimoramento das ordens religiosas, dentro da Igreja Anglicana. (C E)

KEMPIS, THOMAS À

Ver sobre **Thomas à Kempis** e sobre a **Imitação de Cristo.**

KENOSIS

Palavra grega que significa «esvaziamento». A teologia aplica o termo ao ato de Cristo, o Filho de Deus, ao tornar-se homem, o que significa que ele se esvaziou de seus atributos e poderes divinos, embora não de sua natureza divina. Exatamente até que ponto ocorreu esse esvaziamento é ponto disputado, como também como Cristo o fez. Todavia, não se pode chegar a uma resposta adequada, porque, ao tocarmos nessa questão, estamos abordando um dos grandes mistérios divinos. Se, por um lado, não dermos a essa doutrina o seu respectivo peso, estaremos obscurecendo o ensino sobre a humanidade de Cristo (que vide). Se, por outro lado, a enfatizarmos em demasia, estaremos reduzindo Cristo a um mero homem. O principal texto de prova bíblico dessa doutrina é Filipenses 2:7 *ss* , onde é usada a palavra grega (em nossa versão portuguesa, dentro da frase «...a si mesmo se esvaziou...»).

Contudo, aplicar esse esvaziamento somente à morte humilhante de Jesus e não à encarnação do Filho de Deus, é apelar para um truque, na tentativa de evitar o problema envolvido na questão de como Deus pôde encarnar-se como homem, e de como encontrar o ponto de equilíbrio entre a natureza divina e a natureza humana, em Jesus Cristo. Envolvida na idéia da kenosis está a noção de ter o Filho de Deus assumido a *forma* de homem, conforme esse texto de Filipenses diz claramente.

O Logos, ou Verbo celeste, desistiu de aferrar-se ao que possuía, quando de seu esvaziamento, em uma atitude contrária à de Adão, que procurou obter algo que ele não tinha (o conhecimento do bem e do mal). Ver II Cor. 8:9. O termo kenosis, portanto, deve ser aplicado à idéia de *autolimitação* do Logos (o Filho de Deus) quando de sua encarnação (que vide).

Essa doutrina é importante para os teólogos que buscam reconciliar o chamado Jesus teológico com o chamado Jesus histórico. Se falarmos em termos de *autolimitação*, então o Cristo divino pode ser reconciliado, em nossas mentes, com o Cristo humano. No entanto, até que ponto houve a limitação dos atributos divinos, em Jesus Cristo, é algo que não sabemos precisar. Jesus *usualmente* realizava os seus milagres como uma alma humana altamente desenvolvida, através do poder do Espírito? Ou ele apelava para seu poder divino apenas *ocasionalmente*? Ou *nenhum* de seus milagres foi realizado através de sua divindade? Ou *todos* eles foram realizados através de sua divindade? Entre os evangélicos admitem-se todas essas possibilidades, que dizer sobre a Igreja universal! Quanto mais conservador for um grupo cristão, mais se crerá ali que a divindade de Cristo é que explica a vida de Jesus. Porém, isso esquece a doutrina da *kenosis*, fazendo-nos cambar para o *docetismo* (que vide). É impossível supormos que a natureza de Cristo *apenas* parecia real, quando, por detrás de tudo, havia um poder divino ou angelical em operação. Por outra parte, se supormos que Cristo nunca empregou a sua natureza divina, naquilo que ele fez, corremos o perigo de anular qualquer doutrina razoável da divindade de Cristo (que vide). No Novo Testamento há declarações explícitas no sentido que Jesus Cristo reteve a sua natureza divina, quando da encarnação, conforme se vê em Mateus 1:23; 11:27; Marcos 1:1; João 1:14; 3:13; 14:9; Romanos 1:4 e a idéia inteira da encarnação, que ensina que Deus se fez homem, sem que ficasse anulada a natureza divina. Além disso, tal anulamento é impossível. Como é que Deus poderia deixar de ser Deus? Por outro lado, explicar a *kenosis* como mera adição da humanidade a Deus, sem um esvaziamento de alguma espécie, no que diz respeito à condição divina e seus atributos, anularia, para todos os propósitos práticos, a idéia inteira do *esvaziamento*. Portanto, nossa melhor solução consiste em falarmos em termos de *autolimitação*, de *obscuratio* (conforme os reformadores diziam), e jamais em termos de remoção da divindade.

Todas as discussões teológicas sobre a questão terminam em becos sem saída. Jesus percebeu, desde o princípio, que ele era o Cristo, ou essa convicção foi crescendo em sua consciência? A resposta a essa pergunta revela até que ponto aplicamos a doutrina da *kenosis*. No artigo sobre a *Consciência de Cristo*, ofereço uma explicação mais ampla sobre a questão. Ver também o artigo sobre a *Humilhação de Cristo*. Aqueles que se manifestam de modo ousado sobre essa questão parecem não perceber a dificuldade envolvida no fato de ser alguém divino e humano, ao mesmo tempo. Nenhuma explicação adequada sobre essa dificuldade foi jamais oferecida, embora haja evidências cabais para crermos que foi exatamente isso que aconteceu na pessoa de Jesus Cristo. Porém, *como* tudo sucedeu, e como isso operava, são questões que deixarão os teólogos sempre perplexos. Ver o artigo geral sobre a *Cristologia*, quanto a uma visão sobre como os homens têm lutado com essa doutrina do Cristo divino-humano. (B C E P R)

KEPLER, JOHANN

Suas datas foram 1571-1630. Ele é considerado o fundador das modernas ciências exatas. Foi astrônomo alemão, nascido em Weil. Educou-se em Tubingen e ensinou em Graz. A princípio foi assistente de Tycho Brahe, ocupando o seu lugar, quando da morte de Brahe. Kepler foi o primeiro astrônomo a defender, abertamente, os pontos de vista tão controvertidos de Copérnico, sobre a natureza do universo e do nosso sistema solar. Suas leis do movimento tornaram-se um aspecto indispensável do sistema de Newton (que vide).

Idéias:

1. Religioso-filosóficas. O neopitagoreanismo e o neoplatonismo que ele defendia capacitaram-no a descobrir uma iluminadora prova de sua teologia cristã, revestida de idéias animísticas e alegórico-naturalistas. Ele concebia Deus como o criador do mundo, de acordo com o princípio pitagoreano dos números perfeitos. O mundo real seriam as harmo-

nias matemáticas discerníveis nos fenômenos. As harmonias matemáticas, na mente de Deus, seriam as causas genuínas de todas as coisas.

2. Kepler aprimorou as idéias de Copérnico, tendo chegado às três leis básicas dos movimentos dos planetas: a. Os planetas movem-se em torno do sol formando elipses. b. Os planetas percorrem distâncias iguais em tempos iguais, o que significa que, quanto mais próximos do sol, mais rapidamente se movem. c. Os quadrados dos períodos de quaisquer dois planetas são proporcionais aos cubos de suas distâncias médias do sol, sendo o período o tempo requerido para que um planeta complete uma translação em torno do sol. Essas leis concordam com os informes descobertos, mas permanecia em aberto a pergunta que indagava *por que* assim sucede.

3. As explicações de Kepler dão a entender que as forças podem atuar à distância, o que é uma idéia anti-aristotélica Ele referia-se ao sol como a *alma móvel* do sistema planetário, cuja força de atração é maior à pequena, do que à grande distância. Posteriormente, Kepler desistiu da idéia de *alma*, falando apenas de uma força que emanava do sol, difundindo-se por todo o universo, diminuindo gradativamente conforme a distância aumenta, o que pode ser calculado matematicamente.

Portanto, Kepler entrou em controvérsia com a Igreja Católica Romana, acerca da centralidade da terra (atualmente idéia totalmente abandonada), o que também envolve a idéia se a terra se move ou não no espaço. A idéia de movimento estava associada às idéias de desintegração e imperfeição e as pessoas relutavam em falar dessa maneira sobre a criação de Deus (como se Deus tivesse criado somente o globo terrestre). Kepler ilustra, conforme sucede no caso da maioria dos pioneiros de qualquer campo do conhecimento humano, que as novas idéias, embora verdadeiras, sempre sofrem oposição quando proferidas pela primeira vez. Usualmente, as novas idéias não são aceitas pela geração que vive quando elas são expostas pela primeira vez. É mister que morra aquela geração e que uma nova geração a substitua, que cresça juntamente com a nova idéia. A Igreja, como o resto de todos os demais sistemas tradicionais, sempre se opõe a novas idéias. Mas acaba encontrando uma maneira de acomodar-se, em sua teologia, às novas idéias, quando isso se torna necessário.

Principais Escritos: Mysterium Cosmographicum; A New Astronomy; The Harmony of the World. (E P)

KERYGMA

No grego, essa palavra significa «a coisa pregada», o que alude ao evangelho de Cristo. Está em foco a *proclamação* do evangelho. A palavra aparece por oito vezes no Novo Testamento, duas delas acerca da pregação de Jonas (Mat. 12:41 e Luc. 11:32). As outras seis ocorrências envolvem a proclamação do evangelho (Rom. 16:25; I Cor. 1:21; 2:4; 15:14; II Tim. 4:17 e Tito 1:3), onde são enfatizadas a morte e a ressurreição de Cristo, com todas as suas implicações teológicas. Rudolph Bultmann (que vide) reenfatizou esse termo quando distinguiu essa *pregação* do mero *mito* que se desenvolveu, supostamente, em torno da história de Cristo, com a conseqüente necessidade de *demitizar* (que vide) essa narrativa. Bultmann acreditava que até mesmo grande parte do *kerygma* estaria envolvido em vários graus mitológicos. As atividades de Bultmann resultaram em um *kerygma* existencialista, o que significa que ele desviou-se do cristianismo histórico e inventou um outro evangelho, que nem evangelho é. Com base em tal atividade surgiu toda uma atitude de incredulidade para com os milagres e as maravilhas registrados nos evangelhos e na Bíblia inteira, por não refletirem historicamente os acontecimentos ali narrados. Tudo isso envolve uma dificuldade teológica, igualmente. O grande mistério que circunda a doutrina de Cristo, como um ser divino-humano, fica anulado. Essa doutrina é explicada por Bultmann como um reflexo dos épicos nacionais greco-romanos, em que meros homens aparecem como heróis divinos, fazendo parte da mera literatura mitológica.

Como é que o divino opera através do que é humano é um problema difícil. Porém, há evidências perfeitamente convincentes a esse respeito, inteiramente à parte da história de Jesus. Consideremos, só para exemplificar, o caso de Satya Sai Baba, um santo homem indiano, que está duplicando, em nossos próprios dias, certos milagres feitos por Jesus, perante milhares de testemunhas, incluindo cientistas. Ver o artigo sobre ele. Se um simples homem pode fazer coisas assim, que dirá o próprio Filho de Deus, embora em seu estado de esvaziamento? Acontecimentos como esses, sem importar *como* eles acontecem, livram-nos completamente da idéia *mitológica* que alguns teólogos têm lançado sobre o Novo Testamento, como uma máscara. Afirmamos, pois, que aquilo que os autores do Novo Testamento disseram que sucedeu, aconteceu realmente. Resta somente abordar a questão do *como*, mas é sobre isso que a *cristologia* trata. Ver o artigo sobre o *Jesus Histórico*.

KESHUB, CHUNDER SEN

Suas datas foram 1838-1884. Um distinguido líder da religião hindu, da variedade Brama-Samaj (que vide). Desacordos com Devendra Nath Tagore levaram à formação do grupo Adi Brahma ou Original Brahma Samaj, que ficou com Tagore, bem como à formação do Bharatvarshiya Brahma Samaj, ou seja, o Brahma Samaj da Índia, o partido mais numeroso, que permaneceu com Keshub. Seu grupo tem sofrido considerável influência por parte do cristianismo. Ele foi um mestre muito popular, que atraía grandes multidões onde quer que ele fosse. Porém, seu poder desvaneceu-se quando ele permitiu que sua filha de treze anos se casasse com o rajá hindu de Cooch Behar. Keshub lutara contra a prática do casamento infantil e dos ritos hindus idólatras. Mas muitos de seus seguidores simplesmente não podiam reconhecer esses princípios no incidente que envolveu sua própria filha. Não obstante, ele fundou a Navha Vidhan ou Igreja da Nova Dispensação, continuando assim o seu ministério. — Sua principal contribuição foi que tanto em sua vida como em seus ensinos, ele associou a consciência mística da raça indiana com os ideais de Cristo, demonstrando haver certa base comum e certa busca comum, apesar de flagrantes diferenças. (F)

KEYSERLING, HERMANN

Nasceu em 1880. Foi um escritor independente sobre tópicos religiosos e filosóficos. Exerceu considerável poder como mestre, sendo seguido por muitos. A sua conferência semi-anual em Darmstadt, chamada *Schule der Weisheit*, atraía hábeis conferencistas. Ele insistia sobre uma abordagem intuitiva dos problemas da verdade e do valor, com ênfase sobre o caráter ímpar de cada indivíduo e a necessidade de estabelecer a distinção entre a nossa própria

habilidade e a habilidade de outras pessoas. A sua máxima era: «Aquele que sempre age em acordo com sua mais profunda natureza necessariamente age certo». Suas principais obras foram: *Travel Diary of a Philosopher; Book of Marriage; Europe; Criative Understanding; Immorality*. (AM E)

KHIRBERT KERAK

Palavras árabes que significam «ruína da fortaleza». O nome hebraico desse lugar é Beth Yerah, que significa «casa da lua». Trata-se de um grande e importante local arqueológico, nas praias sudoestes do mar da Galiléia, a pouca distância da atual foz norte do rio Jordão. Nos tempos antigos, ficava localizada na conjunção de duas importantes rotas de caravanas. Cobre cerca de 420 km(2). As escavações tiveram início em 1941, com o envolvimento de vários arqueólogos. As evidências demonstram que o lugar vem sendo habitado desde a era Calcolítica Posterior, passando pela era do Bronze Média II, mas com um hiato de ocupação nos tempos helenistas. A antiga cidade de Filotéria, assim chamada em honra à irmã de Ptolomeu Filadelfo, existia nesse mesmo local, Khirbet Kerak sendo uma das cidades principais da região. Uma imensa muralha de fortificação, com cerca de nove metros de espessura, foi desenterrada, juntamente com cerâmica proveniente de vários períodos, além de inúmeros outros itens de interesse para a arqueologia. (ALB SMI Z)

KHIRBET QUMRAN

1. *História e Arqueologia*. No árabe, Kirbet Qumran, «ruína do wadi Qumran», um local perto da praia noroeste do mar Morto, onde o wadi Qumran flui das colinas da Judéia para o mar Morto. Há muito se conhece o lugar, mas só atraiu a atenção após 1947, quando, nas cavernas das proximidades, foram descobertos os manuscritos do mar Morto (vide). Escavações foram efetuadas em Khirbet Qumran entre 1951 e 1955. Acredita-se agora que o complexo de edificações que veio à tona formava a sede da comunidade a que pertenciam esses manuscritos. Um cemitério, entre a localidade e o mar Morto, escavado originalmente em 1873, provavelmente era o cemitério da comunidade. Contém cerca de mil sepulturas. O local fica em um platô cerca de oitocentos metros da praia. Os edifícios mais antigos ali escavados datam dos séculos VIII e VII A.C., provavelmente ligados ao rei Uzias (II Crô. 26:10). Esse local tem sido identificado com a Cidade do Sal (Jos. 15:62). O local fora abandonado, e somente no século II A.C. foi reocupado, em seu nível Ia. Mas somente em cerca de 110 A.C. (nível 1) o local tornou-se mais densamente habitado. Há indícios de um elaborado sistema de suprimento de água, trabalho de cerâmica, ferrarias, lavanderia, padaria, moinho, cozinhas, salão de refeições e salões de reuniões. Essa fase terminou em cerca de 30 A.C., evidentemente devido a um incêndio, e, poucos anos mais tarde, por causa de um terremoto, o que é mencionado por Josefo (*Anti.* 15:5,2). Em cerca de 4 A.C. o local foi reconstruído (nível 2), com a restauração das características da ocupação anterior. O local foi destruído pelos romanos, em 68 D.C., quando da primeira revolta judaica. Então o local foi transformado em uma fortaleza romana (nível 3), assim prosseguindo até o fim do século I D.C. O local foi novamente usado como centro de uma rebelião judaica, quando da segunda revolta dos judeus (132-135 D.C.), embora sem nenhum sério programa de reconstruções.

2. *As Cavernas*. As cavernas circundantes, onde foram encontrados os manuscritos do mar Morto, evidentemente estão associadas aos níveis 1b e 2. Foi encontrado um escritório em Khirbet Qumran que, quase certamente, envolvia a produção de manuscritos das Escrituras. Acredita-se que esses manuscritos foram depositados nessas cavernas, quando os romanos estavam prestes a destruir o local, em algum tempo antes de 68 D.C.

3. *A Comunidade*. A identidade da natureza exata da comunidade ali existente é um ponto em dúvida, mas a maioria dos eruditos acredita que eles eram essênios (que vide). É possível que Plínio, o Velho tenha-se referido a esse lugar em *História Natural* v.17, onde ele se refere à En-Gedi dos essênios. Ver o artigo separado sobre *Mar Morto, Manuscritos do*.

KHNUM

Esse era o nome do deus-carneiro de Elefantina, no Egito. No Egito antigo, o *carneiro*, juntamente com outros animais, era considerado divino. Cada um desses animais, por sua vez, foi associado a alguma cidade egípcia.

KHORDA AVESTA

Esse é o título de uma das cinco porções em que se constitui o Avesta (que vide), as escrituras sagradas do *Zoroastrismo* (que vide).

KIBLA

Essa palavra árabe indica a direção da Caaba (que vide), em Meca, na direção da qual os islamitas voltam o rosto, quando oram. Em uma mesquita (que vide), isso é indicado por meio de um nicho feito em uma parede, chamado a *mihrab*. Supõe-se que Maomé foi o iniciador desse costume, no começo de sua carreira, ao voltar-se na direção da rocha sagrada (a Caaba), ao orar.

KIDD, BENJAMIN

Suas datas foram 1858-1916. Ele afirmava que tal como sucede na evolução das espécies animais, em que cada passo custa um enorme preço, incluindo o extermínio de muitas vidas, assim também se dá em qualquer progresso na história e na cultura humanas. Para que algumas poucas pessoas imponham o progresso, muitas vidas humanas precisam ser sacrificadas. Segundo ele pensava, a religião tem sido um dos fatores responsáveis pelo progresso. O *altruísmo* (que vide) é necessário ao progresso, e a religião promove essa atitude. Quanto mais socialmente orientada for uma religião, melhores serão as suas chances de sobrevivência. A religião é responsável pela atitude de aceitação do homem diante do progresso, além de ser um fator que o encoraja a pagar alto preço pelo mesmo. (E)

KIDDUSH

Termo hebraico que significa «santificação». A expressão indica a oração do sábado, bem como as festividades que santificam algum dia ou dias. Segundo o Talmude (Berakot 33), a cerimônia do *kiddush* foi instituída pelos homens da Grande Sinagoga (que vide). O costume já estava firmemente estabelecido no primeiro século da era cristã, o que se evidencia pelas várias regras atinentes à cerimônia

que foram criadas nas escolas de Hillel e Shammai (ver os artigos).

KIDDUSH HASHEM E HILLUL HASHEM

Essas duas expressões hebraicas indicam, respectivamente, a «santificação» e o «sacrilégio» contra o nome de Deus. Elas denotam os aspectos positivo e negativo de um conceito que sempre foi muito importante no judaísmo ético. A primeira refere-se a qualquer ato que reflita a glória que o nome de Deus merece receber, encontrando sua mais alta expressão no martírio, em prol da fé religiosa. A segunda indica qualquer ato que lance no descrédito o nome de Deus, o que deve ser evitado a todo custo. Notemos que essas expressões estão envolvidas no que alguém faz, e não meramente no que alguém declara, como parte do seu credo. É inútil bendizer a Deus em orações e sermões se, na vida do indivíduo, Deus está sendo ofendido.

KIERKEGAARD, SOREN AABYE

Suas datas foram 1813-1855. Um filósofo-teólogo dinamarquês, considerado fundador e patrono do *existencialismo* (que vide). Nasceu em Copenhague. Educou-se na Universidade de Copenhague, além de dois anos de instruções em Berlim, Alemanha, sob a orientação de Schelling. Sua saúde era fraca, e, como seu pai, era dotado de disposição melancólica. Entretanto, era dotado de uma mente poderosa e incisiva e com uma fértil imaginação. Passou a maior parte de sua vida em Copenhague. Suas habilidades e contribuições não foram reconhecidas, em seus dias, pelos seus próprios compatriotas. Somente quando Karl Barth (que vide) o reinterpretou, como parte de sua exposição sobre a epístola aos Romanos, foi plenamente percebida a grande significação de Kierkegaard.

A princípio ele queria ser um luterano ortodoxo, mas, com a passagem dos anos, suas idéias desviaram-no desse ideal. Ele observava que podemos evitar de cometer certo pecado, *não* freqüentando a igreja. A pessoa não será forçada a dizer uma mentira, afirmando que sua igreja representa a Igreja do Novo Testamento. Ele escreveu muitos artigos sobre uma igreja que ele considerava ímpia, e isso, juntamente com outras polêmicas e os ataques desfechados contra ele por uma revista literária de Copenhague, lançando-o no ridículo, tornaram infelizes os últimos anos de sua vida.

Apesar de sua disposição melancólica e de uma leve deformação física, ele conquistou o amor de Regina Olson. Porém, ele não pôde manter o relacionamento por causa de muitos escrúpulos negativos. Muitos rapazes, sérios em sua inquirição espiritual, passam por um período quando são incapazes de ajustar-se a um íntimo relacionamento com uma mulher, mas Kierkegaard não era capaz de ajustar-se a essa condição. Parece que o rompimento de seu noivado deu início a uma fantástica produtividade intelectual, com o intuito de expor um vívido quadro sobre o que significa alguém ser um cristão. Produziu vinte e um livros em doze anos. Defendia uma religião intensamente pessoal, em oposição à religião institucional, o que o pôs em choque com a igreja dinamarquesa. Ele acusava a igreja oficial de não refletir o cristianismo genuíno, por haver acomodado a religião ao poder social.

Subitamente, foi ferido por uma afecção na coluna vertebral. Restava-lhe apenas um mês de vida. Então sua alma passou por grande transformação. Ele passou aquele mês em grande júbilo espiritual. Isso nada tinha a ver com seu problema de coluna. Mas o Senhor estava próximo. Um dia, ele perdeu os sentidos na rua. Suas últimas palavras foram curiosas: «A bomba explode e a conflagração tem lugar». Sem dúvida elas se referiam à sua desintegração física final. Mas a alma humana sobrevive a tudo.

Idéias:

1. *Existencialismo*. Esse é um sistema filosófico baseado especialmente na idéia de que a *existência* é anterior à essência, e que a *vontade* tem o poder de formar a natureza. Não há uma natureza fixa, e um homem pode fazer o que quiser, tornando-se aquilo que seus recursos internos fazem dele. Kierkegaard opunha-se ao racionalismo dialético de Hegel, que faz o determinismo controlar todas as coisas, originário em um Espírito Absoluto, que controla todas as manifestações da existência. O existencialismo enfatiza o poder da vontade, e não o poder da razão, no confronto com os problemas criados em uma existência aparentemente amoral e absurda. O homem foi por ele definido como a súmula de seus *atos voluntariosos*, e não como aquilo que ele é forçado a ser, por meio de forças externas. Esse sistema enfatiza a irracionalidade do ser, o poder do medo. O existencialismo ateu presume que a própria vida é uma espécie de piada da natureza, e que não existem forças controladoras e planejadoras. Mas o existencialismo teísta injeta esperança naquilo que parece inútil, impondo aos homens a necessidade deles usarem a vontade na busca pelo Divino Desconhecido, o que insufla significado naquilo que, de outro modo, não tem qualquer sentido. Neste mundo, o homem é um ser criativo, e não um autômato, manipulado por forças externas. Sem Cristo, o homem é um ser solitário, que bóia sobre as ondas de uma existência aterrorizante. O existencialismo cristão faz a missão de Cristo ocupar posição central no livramento do homem. Esse livramento é da falta de significação. O cristão espera por atos misericordiosos de Deus, bem como pela sua graça, a fim de ser revertida qualquer situação insustentável.

2. Kierkegaard opunha-se ao sistema hegeliano, segundo o qual a verdade está espremida dentro de um sistema de *idéias*. Em vez disso, ele defendia o conceito da verdade encarada *subjetivamente*. A verdade, quando manipulada por idéias apenas nos envolve em uma interminável série de aproximações. Mas a verdade, quando é encarada subjetivamente, oferece-nos a orientação da promessa.

3. *As três abordagens da vida*. a. A abordagem *estética*. Os homens geralmente enfrentam a vida como se o prazer fosse a essência da mesma. Essa forma de vida parece envolver o máximo de liberdade, mas, na verdade, falta-lhe propósito. Aquele que segue essa trilha acaba sem valores que possa seguir, desintegrando-se em torno de desejos que nunca encontram real satisfação. b. A abordagem *ética*. Seguindo essa outra trilha, o homem ultrapassa o princípio hedonista, e começa a buscar um propósito na vida. Metaforicamente falando, ele busca uma esposa, e não uma amante passageira, e a autodeterminação começa a fazer-se sentir. c. A abordagem *religiosa*. Essa é a vereda superior. A certa altura de sua vida, parece que Kierkegaard experimentou o ideal socrático de que o homem contém, em si mesmo, todas as respostas, pelo que tudo de quanto uma pessoa precisa é um bom mestre ou guia, que faça vir à tona o que já existe inerentemente em seu homem interior. Mas, ao longo do caminho, Kierkegaard deixou Sócrates e começou a seguir a Cristo. — Ele descobriu que um homem precisa do

Salvador, e não apenas de um mestre. Foi então que ele começou a usar o método da *comunicação indireta*.

4. *A comunicação indireta* consiste no método de ir eliminando, progressivamente, todas as alternativas de um problema qualquer. Finalmente, com a eliminação de todas as supostas respostas às coisas, ao indivíduo resta um *vazio*. Dentro desse vazio, o homem percebe a sua necessidade de *revelação*. A essa altura, o indivíduo está se aproximando da *abordagem religiosa* da vida. Ele o faz com sentimentos de temor, porquanto sabe que está tratando com um grande poder. É por essa altura das coisas que Deus pode intervir, elevando o indivíduo acima daquilo que é meramente ético. A isso, Kierkegaard chamava de «suspensão teológica do que é ético». Ele usou a história de Abraão como ilustração. Dispôs-se ele a eliminar meras considerações éticas, partindo para o sacrifício de seu próprio filho, sob as ordens de Deus. Nesse ponto, entramos no campo do *voluntarismo* (que vide), quando a vontade de Deus aparece suprema e as definições da bondade absoluta são formuladas em consonância com a vontade divina. A abordagem religiosa não está sujeita a explicações lógicas. Está eivada de paradoxos (que vide). O paradoxo supremo é o próprio Deus.

5. *Angst*. Essa palavra é muito usada por Kierkegaard. Ela significa «angústia». Um homem aproxima-se de seu alvo, por meio da abordagem religiosa, em meio a temor e ansiedade. Esses sentimentos acompanham-nos a cada instante. Vivemos dentro do tempo, e perdemo-nos dentro do conteúdo da vida. Esse conteúdo perturba-nos e obscurece a nossa visão. Temíveis forças agitam-nos. Porém, em meio a tudo isso, há aquela possibilidade de que podemos irromper na eternidade, encontrando Deus no momento *eterno*. Ver o artigo sobre a *Angst*.

6. *O salto da fé*. A pessoa religiosa busca a repetição do momento da eternidade, que é obra da liberdade. O salto da fé ajuda-nos a continuar repetindo o momento da eternidade, pelo que isso torna-se uma realização, e não um mero ato. Porém, o indivíduo deve recuperar esse terreno, por muitas e muitas vezes, mediante a vida diária intensa e apaixonada. Percebo aqui que Kierkegaard estava falando sobre as experiências místicas, o que significa que a abordagem religiosa, da qual ele tanto falava, é a abordagem mística. Ele buscara a Deus, e, finalmente, entregara sua alma a uma direta comunhão com Deus, e não tanto a uma abordagem meramente intelectual. Ver o artigo sobre o *Misticismo*.

7. *O herói trágico e o homem de fé*. O herói das tragédias renuncia a si mesmo a fim de expressar o que é universal. O homem de fé renuncia ao que é universal a fim de obter a si mesmo. O homem de fé segue pelo caminho superior.

8. *Elementos teológicos*. A busca humana, pela senda da *angst*, só se torna tolerável por causa da certeza que o indivíduo, que assim faz, tem da existência da graça de Deus e do perdão de seus pecados. Ultrapassado somente por Agostinho e Pascal, Kierkegaard nos forneceu o mais completo escrutínio sobre a psicologia da fé e sobre a antropologia cristã.

9. *Elementos éticos*. Já vimos que Kierkegaard considerava o caminho ético superior ao caminho estético. Mas ele cria ainda mais na senda superior da abordagem religiosa, onde o misticismo se torna uma realidade. Porém, ele objetava à simples religião ética, segundo a qual tantas pessoas se entregam a atividades beneficentes, mas sem qualquer real transformação da alma. Ele acusava a ortodoxia cristã de tornar fácil demais a vida cristã, porquanto insiste sobre sistemas de crença superficial, e não sobre a transformação da alma, com a eliminação de defeitos e o cultivo de virtudes. Aquele que busca somente regras éticas e uma conduta racionalmente ordeira, jamais encontrará o momento eterno.

10. *Influência de Kierkegaard*. O sistema inteiro do existencialismo está em grande dívida para com Kierkegaard. Seu pensamento afetou muitos teólogos e filósofos protestantes. Poderíamos citar Barth, Heidegger, Jaspers, Marcel e Buber. Até mesmo o existencialismo ateu, como aquele preconizado por Jean Sartre (que vide), fez muitos empréstimos de suas idéias. (AM C E F H MM P)

KILWARDBY, ROBERT

Viveu na segunda metade do século XIII, na Inglaterra, onde nasceu. Foi um notável filósofo escolástico. Ele ensinava teologia em Oxford; serviu como arcebispo de Canterbury e, finalmente, foi feito cardeal. Era agostiniano e opunha-se ao tomismo. Argumentava em favor de uma pluralidade de formas, e não em prol de uma unidade de formas, conforme dizia Tomás de Aquino. Em 1277, condenou trinta proposições tomistas, que ele considerava errôneas. Dividia as ciências em divinas e humanas. As primeiras incluíam as ciências naturais, metafísicas e matemáticas. As últimas incluíam a ética, as artes mecânicas e a lógica.

Escritos: *On the Origin of Science; On the Imaginative Spirit; On Conscience; On Time; On the Trinity*.

KINDI, AL

Ver sobre **Al-Kindi.**

KING, HENRY CHURCHILL

Suas datas foram 1858-1934. Formou-se no Colégio e Seminário de Oberlin. Estudou nas Universidades de Harvard e de Berlim. Tornou-se professor de filosofia no Colégio e Seminário de Oberlin e mais tarde, presidente desse instituto. Foi professor e escritor razoavelmente bem-sucedido, influenciado por Lotze (que vide). Muito contribuiu para fomentar a filosofia e a teologia cristãs, e promoveu a reverência à personalidade.

Escritos: *Reconstruction of Theology; Theology and the Social Consciousness; The Seeming Unreality of the Spiritual Life; The Ethics of Jesus*, além de várias outras obras.

KISMET

Palavra árabe que significa «fé». Essa palavra é comumente usada como uma exclamação, pelos islamitas, quando querem expressar sua crença de que Deus reina supremamente em todas as questões humanas, de tal modo que todos os golpes de sorte ou de adversidade, os feitos humanos e suas conseqüências futuras, etc., são encarados como inevitáveis, por terem sido predeterminados por Deus.

KITTEL, GERHARD

Ele foi o editor do imenso e imortal *Theological Dictionary of the New Testament*, traduzido do

original alemão *Theologisches Worterbuch Zum Neuen Testament*, mediante os labores do tradutor e editor G.W. Bromiley. Essa obra deriva-se dos labores de Hermann Cremer e Julius Kogel, a cujos labores foram acrescentados os esforços de vários outros, a fim de serem produzidos os oito volumes dessa excelente série. O vocabulário inteiro do Novo Testamento é tratado em extensos artigos, além de nomes próprios e expansões de trechos do Antigo Testamento. Gerhard Kittel (1888-1948) foi professor do Novo Testamento em Greifswald e Tubingen. Ele assumiu a direção editorial dessa imensa obra em 1928. Bromiley assumiu a mesma responsabilidade quanto à edição em inglês.

KITTEL, RUDOLF

Suas datas foram 1853-1929. Foi professor em várias universidades alemãs, incluindo a de Leipzig. Como tradutor e editor ele proveu, em três edições, a edição crítica da *Bíblia Hebraica*, usada praticamente por todos os eruditos modernos. Essa obra talvez seja a maior autoridade sobre a história e a religião de Israel.

KLAGES, LUDWIG

Nasceu em 1872 e faleceu em 1956. Foi um filósofo alemão. Nasceu em Hanôver e educou-se em Munique. Nesta última cidade, estabeleceu um centro para o estudo da *caracterologia*; mediante tal termo ele entendia uma ciência do espírito, com base em sua classificação dos tipos psicológicos. Mais tarde, esse centro de pesquisas foi transferido para Kilcheberg, perto de Zurique, na Suíça. Ele era um estudioso dos escritos de Theodor Lipps, e foi influenciado também por Nietzsche. Ele concebia a vida como uma luta do espírito contra o corpo e a alma. Ele identificava o espírito à racionalidade, ao passo que as forças vitais criativas seriam equiparadas à alma. Procurava identificar os homens de conformidade com certos tipos, dependendo do equilíbrio entre a alma e o espírito, que eles haviam conseguido obter. O objeto de seu estudo era prover o ressurgimento da ênfase sobre a alma, contra os efeitos mortíferos das ciências.

Escritos: *Principles of Characterology; The Science of Character; On the Cosmogonic Eros; The Spirit as Adversary of the Soul; The Psychological Discoveries of Nietzsche; Language as the Scourge of Soul Knowledge.*

KLEUTGEN, JOSEPH

Suas datas foram 1811-1883. Foi um jesuíta alemão. Era filósofo e teólogo, que influenciou o Concílio do Vaticano (que vide) tendo servido de instrumento no reavivamento da filosofia escolástica, dentro das escolas de orientação católica romana.

KLIEFOTH, THEODOR

Suas datas foram 1816-1895. Foi pastor protestante em Ludwigslust, executivo e administrador eclesiástico. Interessava-se pela promoção da antiga teologia protestante, mais do que nos escritos de Lutero, cujos excessos subjetivos ele repudiava. Aceitava em seu sistema elementos católicos e anglicanos. Interessava-se pela escatologia e por definir, de uma nova maneira, a relação entre a fé e a história.

••• ••• •••

KNOX, JOHN

Suas datas podem ter sido 1505, 1513, 1515 até 1572. Foi o principal eclesiástico da Reforma escocesa, embora não o seu originador. Nasceu em Haddington, em East Lothian, e estudou na escola de gramática dessa cidade, antes de ingressar na Universidade de Glasgow. Todavia, abandonou a universidade antes de formar-se, por razões desconhecidas. Tornou-se padre católico romano em 1530, embora esse período inicial de sua vida esteja perdido na obscuridade. Na Universidade de Saint Andrew caiu sob a influência de John Major. Em 1545 uniu-se a George Wishart, que acabara de retornar de Zurique para Cambridge, a fim de pregar a reforma na Escócia. Wishart foi queimado na fogueira, e o cardeal Beaton foi assassinado. Esses eventos parecem ter impelido Knox a tomar posição aberta em favor da reforma (que vide). Em face disso, começou a ser alvo de intensas perseguições, pelo que buscou refúgio no castelo de Saint Andrews. A frota francesa conquistou o castelo um ano mais tarde, em 1547, e, para vingar a morte do cardeal Beaton, Knox foi feito prisioneiro e condenado à servidão nas galés. Por esse motivo, foi mantido acorrentado pelo espaço de dezoito meses, mas foi finalmente solto, por intervenção dos ingleses. Em seguida, Knox passou cinco anos na Inglaterra (de 1549 a 1554), principalmente em Berwick e Newcastle, com algumas visitas a Londres.

Knox fazia a sua presença ser sentida, dando a conhecer a sua teologia, mediante a prédica. Foi por meio de sua influência que o Livro de Oração, de 1552, declarava que o ato de ajoelhar-se, por ocasião da celebração da eucaristia, não era um ato de adoração de qualquer presença corpórea de Cristo nos elementos da Ceia. Foi também um dos principais fundadores do puritanismo inglês.

Quando a rainha Maria Tudor, católica romana que ela era, subiu ao trono, Knox fugiu para o continente europeu. Seguiu-se um período de migrações, que incluiu uma breve visita a Genebra, um encontro com Calvino, e um breve pastorado em uma congregação inglesa, em Genebra. Em seguida ele dirigiu-se para Berwick, onde se casou. Finalmente, voltou à Escócia, onde era capaz de pregar abertamente. Sua pregação foi a principal responsável pelo estabelecimento da Reforma Protestante naquele país. Ele não era um teólogo inovador, mas era poderoso pregador de idéias alheias. Foi principalmente por meio dos seus esforços que o protestantismo tornou-se a religião oficial da Escócia.

Escritos: *On Predestination; On Prayer; Epistles and Admonition; On Affliction; The First Balst of the Trumpet Against the Monstrous Regiment of Women; The History of the Reformation in Scotland; An Answer to a Scottish Jesuit.*

••• ••• •••

KNUTZEN, MARTIN

Suas datas foram 1713-1751. Foi um filósofo alemão, educado em Konigsberg. Mais tarde, ensinou naquela cidade. Era seguidor de Wolff e de Priest. Tornou-se conhecido principalmente por haver sido um dos mestres de Emanuel Kant. Todavia, disputa-se sobre a sua influência sobre Kant (que vide).

Escritos: *Metaphysical Dissertation on the Impossibility of an Eternal World; Philosophical Commentary on the Relation Between Mind and Body.*

KOINÉ

Palavra grega que significa «comum». O termo indica a fala grega comum, que gradualmente se desenvolveu e foi substituindo dialetos locais, por todo o Mediterrâneo oriental, a partir dos dias de Alexandre, o Grande. O *koiné* é a variedade de grego que se acha em obras literárias desse período em diante, até bem dentro da era cristã, bem como na Septuaginta, no Novo Testamento, em muitíssimos papiros, em inscrições e em ostraca ou inscrições em cacos de barro. É mais simples e menos sutil do que o grego ático, porquanto estava rapidamente transformando-se em uma linguagem puramente analítica, e não mais sintética, como era o caso do grego clássico. O período em que foi falado o grego «koiné» estende-se mais ou menos de 300 A.C. a 330 D.C. Quanto a um artigo especial sobre o grego «koiné» do Novo Testamento, ver o verbete *Língua do Novo Testamento*.

KOINONIA

Termo grego que tem vários significados no Novo Testamento, embora com a idéia básica de *participação*. Assim, encontramos as traduções «comunhão» (que vide), «companheirismo», «participação», «contribuição» (como oferta em dinheiro), etc. A palavra aparece por vinte vezes no Novo Testamento, por exemplo: Atos 2:42; Rom. 15:26; I Cor. 1:9; Gál. 2:9; Efé. 3:9; File. 6; Heb. 13:16; I João 1:3,6,7.

Essa palavra envolve fortes implicações éticas, a saber: 1. a participação é a idéia fundamental da palavra, tanto nos benefícios do evangelho como quanto às coisas materiais. Compartilhar com o próximo é uma das expressões da lei do amor, que é fundamental à espiritualidade (I João 4:8). 2. A generosidade é um espelho do homem, afinal de contas. Essa é uma virtude cristã, razão pela qual Paulo recomendou que as igrejas gentílicas contribuíssem para os santos pobres de Jerusalém (Rom. 15:28; II Cor. 9:13). Todas as pessoas dependem uma das outras, e isso não é diferente no seio da Igreja cristã.

Sentidos Teológicos. 1. Participação na salvação (I Cor. 1:9). 2. Participação na Ceia do Senhor (I Cor. 10:16). 3. Participação na experiência dos sofrimentos (II Cor. 1:7; Heb. 10:33; Apo. 1:9). 4. Participação na comunhão com o Espírito (II Cor. 13:14; Fil. 2:1).

KOJIKI

Esse é o nome original da *Crônica de Acontecimentos Antigos*, o mais antigo documento histórico do Japão, compilado em 712 D.C. Começa com mitos da criação e termina o seu relato nos eventos de 628 D.C. É uma obra necessária para o estudo do xintoísmo primitivo. Ver o artigo sobre *Religião e Filosofia Xintoístas*.

KOL NIDRE

No hebraico, uma expressão que significa «todos os votos». Indica uma oração recitada nas sinagogas, no começo do culto vespertino do Dia da Expiação (que vide). Essa oração foi composta para aliviar os sentimentos de tristeza dos judeus devotos, que sentiam as inadequações e falhas de suas vidas religiosas.

KORN, ALEJANDRO

Suas datas foram 1860-1936. Foi um filósofo argentino nascido em Buenos Aires. Originalmente era médico psiquiatra, diretor do hospital de alienados mentais e professor de anatomia do Colégio Nacional de La Plata, na Argentina. Posteriormente, tornou-se professor de filosofia da Universidade de Buenos Aires, tendo servido como seu deão, durante algum tempo.

Idéias:

1. Todas as filosofias que assumem posição dogmática, recusando-se a reconhecer os discernimentos de outros sistemas, como o positivismo, o idealismo romântico ou o realismo eram combatidas por ele. Ele mesmo, porém, subscrevia a uma forma de positivismo (que vide) que aceitava tanto a liberdade quanto os valores humanos.

2. O principal problema da filosofia consiste em tomar consciência dos sistemas contrários, procurando a reconciliação dos mesmos, como os sistemas subjetivos e os objetivos, como o determinismo e a liberdade humana, como os sistemas cientificamente orientados e os sistemas humanisticamente orientados.

3. A liberdade humana não é algo que nos é conferido, mas é algo obtido mediante a sua luta contra o determinismo. A liberdade tem aspectos éticos e econômicos. Nenhum desses aspectos pode ser eliminado às custas do outro.

4. O valor faz parte da luta pela liberdade. Os valores não são absolutos, mas têm certos relacionamentos com todos os campos, científicos ou humanísticos. Os valores, em qualquer campo dado, têm sua própria história e os seus próprios ideais.

5. Há nove tipos de avaliação: econômica, instintiva, erótica, vital, social, religiosa, ética, lógica e estética. De acordo com sua personalidade, cada pessoa inclina-se mais para este ou aquele tipo de avaliação. Todos os valores têm polaridades, como útil-inútil, agradável-desagradável, amável-odioso, seleto-vulgar, lícito-ilícito, santo-profano, bom-mau, verdadeiro-falso, belo-feio.

6. Os sistemas específicos destacam valores específicos, ao mesmo tempo em que ignoram outros valores. Assim, o hedonismo valoriza aquilo que é capaz de dar prazer; o estoicismo salienta os valores quando lhes parecem bons; o utilitarismo destaca o bem-estar material, etc.

7. Os valores finais incluem: bem-estar material, felicidade, amor (dentro do misticismo), poder (dentro do pragmatismo), justiça (dentro dos sistemas sociais), santidade (dentro do escolasticismo), a bondade, a verdade e a beleza (dentro do intuicionismo).

8. Embora Korn tivesse sido um positivista, ele retinha as especulações metafísicas dentro de seu sistema, como meio para a obtenção de certos valores, conforme foi sugerido acima.

Escritos: Influências Filosóficas da Evolução Nacional; Liberdade Criadora; Esquemas Epistemológicos; O Conceito de Ciência; Axiologia e *Notas Filosóficas*.

KOSHER

Essa palavra hebraica significa «próprio», «apto». No iídiche e no hebraico moderno, seguindo o uso do hebraico da Mishna do século II D.C., essa palavra era e é empregada para indicar aquilo que é próprio para a alimentação, bem como a maneira correta de preparar os alimentos. Ficam vedados os alimentos proibidos pela legislação mosaica; até a maneira de abater os animais é prescrita; não se pode misturar

carne com leite, em cada refeição, e toda carne precisa ser lavada de seu sangue superficial, antes de ser ingerida. São seguidos os modos de preparação dos alimentos, segundo as prescrições do Talmude (que vide).

KOTARBINSKI, TADEUSZ

Nasceu em 1886. Deconhece-se a data de seu falecimento. Nasceu em Varsóvia. Educou-se em Lvov. Ensinou em Varsóvia, como membro do chamado Círculo de Varsóvia, similar ao Círculo Vienense de Positivismo (que vide).

Idéias:

1. Só existem os objetos concretos, sujeitos aos nossos sentidos físicos, o que corresponde a uma posição chamada *concretismo* (que vide). Todos os termos que designam idéias abstratas são considerados *aparentes*.

2. O concretismo ontológico é a noção de que todo objeto é algo que está sujeito à percepção dos sentidos. Essa doutrina era chamada *somatismo*, por Kotarbinski. No grego, *sôma* é «corpo».

3. As proposições psicológicas não seriam conhecidas pela introspecção, e, sim, por mera imitação, isto é, emulando-se o comportamento de outras pessoas.

4. As ações eficazes, que se originam da imitação, são chamadas *praxiologia*.

Obras: Elements of the Theory of Knowledge; Formal Logic and Methodology of Science; Praxiology: An Introduction to the Science of Efficient Action.

KOZLOV, ALEXEY A.

Suas datas foram 1831-1901. Foi filósofo russo, nascido em Moscou. Ensinou em Kiev e São Petersburgo. Foi influenciado pela filosofia de Leibniz, por intermédio de Teichmuller. Desenvolveu um sistema de *pampsiquismo* (que vide), que fala sobre mônadas que reagem entre si, originárias de Deus.

KRAUSE, KARL CHRISTIAN FRIEDRICH

Suas datas foram 1781-1832. Nasceu em Eisenberg, na Alemanha. Estudou em Jena, sob Hegel e Fichte. Considerava o universo um organismo vivo, um ponto de vista que ele intitulava *panenteísmo* (que vide). Ensinava que a realidade está progredindo para unidades internas mais elevadas. Deus incluiria, em seu Ser tanto a natureza quanto a humanidade, embora transcendendo aos mesmos. O homem seria o mais elevado componente da natureza, e o progresso deve ser aquilatado em termos de como os valores internos do homem se vão disseminando pela sociedade, e, finalmente, por toda a humanidade.

KRAUTH, CHARLES PORTERFIELD

Suas datas foram 1823-1883. Foi um teólogo luterano conservador, que muito lutou para preservar uma fé plenamente conservadora, em oposição a seu mestre, S.S. Schmucker (que vide) que estava introduzindo certas idéias liberais. Krauth serviu como professor de teologia sistemática, no seminário luterano de Mount Airy, estado de Filadélfia, nos Estados Unidos da América, uma escola fundada a fim de opor-se a outra escola, mais liberal, que havia em Gettysburg. Foi professor de larga influência, cujos escritos exerceram considerável influência em seus dias. Serviu a Universidade de Pensilvânia como professor e administrador. Tomou parte ativa da Comissão Americana de Revisão para a produção da Revised Standard Version, em inglês, sobre o Antigo Testamento.

KRIKORIAN, YERVANT

Esse homem publicou, em 1944, o livro cujo título em inglês é *Naturalism and the Human Spirit*. O *naturalismo* (que vide) pode ser contrastado ao materialismo, pois, apesar de afirmar que toda a realidade deve ser explicada em termos de objetos e de eventos dentro do contexto do espaço-tempo, ainda assim admite que não pode haver realidades não-materiais.

KRISHNA

Esse é o nome de uma das divindades mais largamente veneradas do hinduísmo (que vide). Juntamente com Rama (que vide) teria sido uma das últimas encarnações de Vishnu, sendo considerada a maior de todas essas encarnações. Nas lendas, Krishna é variegadamente interpretado como um herói guerreiro, como um criador de vacas, como um rapaz traquinas, como um amante sem igual, como um matador de dragões, etc. Porém, na Bhagavad-Gita, Krishna já aparece como o próprio Deus, o próprio Brahman. Em todas as religiões, o conceito de Deus atravessa uma completa evolução, de tal forma que, conforme dizia um de meus professores: «O conceito de Deus vai sendo purificado». Na verdade, os homens retratam Deus à sua própria imagem, havendo idéias realmente cruas acerca da divindade. Na Bhagavad-Gita, Krishna aparece como o supremo objeto do *bhakti*, ou amor. Quando os homens servem a Deus, impelidos pelo amor, podem obter a salvação. Isso diz a verdade no tocante a todos os homens, sem importar castas ou condições sociais.

KROPOTKIN, PETER

Suas datas foram 1842-1921. Foi um russo que agiu como autor e filósofo social. Nasceu em Moscou. Estudou os enciclopedistas franceses (que vide). Trabalhou como geógrafo. Uniu-se ao partido revolucionário russo. Tornou-se um anarquista e foi aprisionado, mas conseguiu fugir da prisão. Foi para Paris, onde contribuiu para o movimento socialista francês. Publicou um jornal revolucionário na Suíça. Após a Revolução Francesa, mudou-se para a Inglaterra. Retornou à Rússia e denunciou a ditadura bolchevista, que ali havia adquirido o poder.

Idéias:

1. Kropotkin modificou a doutrina da competição na evolução, proposta por Darwin, injetando a idéia de que a *ajuda mútua* tem igual peso no processo evolutivo.

2. A moralidade derivar-se-ia da ajuda mútua, o que gera uma boa vontade desinteressada, e que ultrapassa os requisitos da lei.

3. As instituições autoritárias corrompem o princípio da ajuda mútua, que é tão natural para os homens. Isso leva às perversões sociais como desigualdades, crimes e violência.

4. Em seu comunismo-anarquista, ele salientava o valor da comuna, com o armazém de livre distribuição em seu âmago.

Escritos: *Words of the Revolutionary; The Conquest of Bread; The State, Its Part in History; Mutual*

Aid; The Great Revolution; Ethics.

Ver também o artigo geral sobre o *Comunismo*.

KUENEN, ABRAHAM

Suas datas foram 1838-1891. Foi um erudito holandês e professor da escola de teologia da Universidade de Leyden. Foi um dos líderes da moderna escola de críticos do Antigo Testamento. Sua obra principal foi a tentativa para interpretar a história da religião hebréia. Ele defendia a teoria da origem tardia da legislação sacerdotal, chamada *P(S)*, do Antigo Testamento. Em português, essa teoria pode ser chamada de Código Sacerdotal. Provi um artigo sobre o assunto, que faz parte da teoria dos documentos *J.E.D.P.*(S.) (vide) (jeovista, eloísta, deuteronômica e sacerdotal). Ver o artigo geral sobre a *Crítica da Bíblia*, onde há uma discussão mais completa sobre questões e pontos afins.

KUHN, THOMAS S.

Nasceu em 1922. Foi um filósofo norte-americano e historiador da ciência. Nasceu em Cincinnati, estado de Ohio, e educou-se nas Universidades de Harvard e Berkeley. Foi professor em Princeton.

Idéias:

1. As teorias científicas desenvolvem-se em torno de paradigmas básicos, como, por exemplo, a teoria atômica.

2. A comunidade científica determina o que é ortodoxo e o que é heterodoxo. As mudanças ocorrem em períodos de convulsão, na comunidade científica, e isso traz à tona novos paradigmas, e, portanto, uma nova ortodoxia. Os campeões de interpretações heterodoxas algumas vezes tornam-se os pioneiros de alguma nova ortodoxia.

Aquele que lê a história da fé religiosa percebe exatamente o mesmo processo em operação. Geralmente olvidamo-nos que a maioria dos grandes líderes religiosos, que deram início a novos sistemas, foram chamados hereges em seus próprios dias. Muitos morreram no processo. Jesus é o mais conspícuo exemplo de todos. Contudo, os homens, de qualquer dado sistema, dentro de qualquer período específico da história, sempre se mostram suficientemente insensatos para dizer que as revelações ou discernimentos que receberam são finais ou que o grupo a que pertencem é melhor ou mais correto, em contraste com outros sistemas. Esses sistemas sempre são comunhões fechadas. Mas a verdade nunca pode ser limitada dentro dos parâmetros de qualquer denominação evangélica.

KU-KLUX-KLAN

Evidentemente, esse nome vem do termo grego *kyklos*, «círculo», pelo que tem o sentido de «círculo (sociedade) do clã». Trata-se do nome de uma sociedade secreta, organizada após a Guerra Civil, no sul dos Estados Unidos da América, nos anos de 1866 e 1867, para combater exploradores vindos dos estados do norte daquele país, que estavam pilhando os estados do sul, perdedores da guerra civil. Acabou tendo também o propósito de impedir a ascensão social dos negros. Em 1871, o congresso norte-americano ilegitimou o movimento, o que capacitou o presidente da nação a enviar tropas para suprimir o movimento. Com a restauração da supremacia branca, nos estados do sul, a organização foi gradualmente desaparecendo. Porém, em 1915, foi organizado um novo movimento, com o mesmo nome. Foi então organizada pelo coronel William J. Simmons. A princípio, pouco aconteceu; mas, as campanhas com o intuito de aumentar o número de membros, na década de 1920, elevou o número de adeptos a vários milhões. Sua norma consistia em combater tudo que não fosse branco, protestante e nativo. Denunciava os estrangeiros, os negros e os católicos romanos com igual vigor. O símbolo era uma cruz que se incendiava, porque, quando alguém via, diante de sua casa, uma cruz assim, era sinal de que o morador daquela casa fora escolhido para sofrer violência e perseguição, o que era um fator aterrorizante. Os membros usavam robes e capuzes brancos, e marchavam em grupos com suas cruzes incendiadas. Essa organização tornou-se uma força política que os políticos dos estados do sul dos Estados Unidos da América não podiam ignorar. Líderes corruptos e violentos chegaram a controlar o movimento, de tal modo que aquilo que já era mau, tornou-se pior. Porém, em 1928 o entusiasmo radical do movimento havia esfriado bastante, e o número de membros começou a diminuir drasticamente. Até hoje a organização existe, mas é apenas uma sombra do que costumava ser.

A inclusão dessa organização, nesta enciclopédia deve-se, antes de tudo, ao fato de que, no começo, ela foi definida mediante «ideais» religiosos. Em segundo lugar, ela simboliza qualquer organização ou indivíduo que, com base em crenças religiosas ou políticas, sente que deve apelar para as ameaças e a perseguição, sem importar a forma dessa opressão. Todos os perseguidores e exclusivistas se assemelham, em alguma coisa, à Ku-Klux-Klan. Há muitos imitadores, sem dúvida. A intolerância assume muitas formas diferentes. Os motivos são a arrogância, a hostilidade, a ausência do amor cristão. Por isso mesmo, a pior intolerância de todas é a de natureza religiosa, perpetrada em nome de Deus.

KULPE, OSWALD

Suas datas foram 1865-1915. Homem dotado de mente penetrante, que deixava os defensores de sistemas muito mal à vontade. Foi assistente de Wundt, no Instituto Psicológico em Leipzig. Ensinou em Wurzburg, Bonn e Munchen. Foi fundador da Escola de Psicologia Experimental de Wurzburg, onde investigou o processo do pensamento humano. Era representante de um novo realismo (que vide) de inclinações críticas e racionais, que procurava contrabalançar as tendências neokantianas e anti-realistas. Ele era incomum, porquanto ocupava-se em atividades polêmicas como um fato, embora não pessoalmente. Opunha-se ao *naturalismo* (que vide) como algo inadequado. Contrariando Kant, ele ensinava que a metafísica pode envolver um verdadeiro estudo. Rejeitava o voluntarismo (que vide) e o intelectualismo como inadequados. Ele ensinava que o ateísmo (que vide) é teoricamente irrefutável, embora também dissesse que devemos incorporar um ponto de vista moral e religioso em nossas crenças, a fim de termos um sistema de pensamento adequado. O *teísmo* (que vide) era por ele considerado como uma necessidade prática.

KULTURKAMPF

Palavra alemã que significa «luta pela civilização», um termo que designava um movimento anticatólico na Alemanha, na década de 1870, em vista do que a influência do catolicismo foi grandemente reduzida

naquele país. A principal causa disso foi o decreto do Concílio do Vaticano (que vide) de 1870, que formulava a doutrina da infalibilidade papal (que vide). O governo alemão expulsou os jesuítas da Alemanha e baixou uma série de leis (Leis de Maio), a fim de controlar melhor a Igreja Católica. O conflito continuou até à morte de Pio IX, em 1878. Por essa altura, Bismarck estava seguindo um programa de conciliação com a Sé de Roma, o que terminou anulando as Leis de Maio.

KUMARAJIVA

Suas datas foram 344-413 D.C. Foi um filósofo budista chinês. Foi professor popularíssimo, e de grande poder. Ele era meio-indiano, meio-chinês. Tornou-se monge com a idade de sete anos. E na juventude era tão influente como mestre que reis convidavam-no aos seus palácios para ouvirem-no expor a sua fé. Recebeu o título de Mestre Nacional. Mais de cem monges budistas atendiam suas conferências diárias. No decurso de dez anos, traduziu setenta e dois livros budistas para o chinês. Introduziu na China a doutrina média do *Nagarjuna* (que vide). Não somente ele pôs nas mãos dos leitores chineses os livros dos mais importantes escritores budistas, mas também sistematizou a filosofia budista.

KUNDALINI YOGA

Ver o artigo sobre a **Yoga**, décimo ponto.

KUNG-SUN LUNG

Foi um filósofo chinês que viveu no século IV A.C. Foi chamado lógico chinês e foi autor do *Kung-Sun Lung Tzu*, obra de grande influência. Apresentou uma série de paradoxos que envolviam nomes que usamos para designar objetos, procurando demonstrar que os nomes devem ser distinguidos das realidades que eles designam, mas que a nossa linguagem desleixada cria dificuldades para a compreensão dos conceitos. Para exemplificar, um cavalo *branco* não é um cavalo. Isso é possível quando usamos a palavra «cavalo» para designar coisas diferentes, que nada têm a ver com esse conhecido animal. Se pensarmos que cavalos não-brancos pertencem a uma espécie e cavalos brancos a outra, então aquela declaração é possível, embora tal tipo de linguagem dificilmente possa ser considerado legítimo. No entanto, os homens lançam mão dessa atividade com muita freqüência, e o ponto crucial de um argumento, às vezes, depende dessa atividade distorcedora.

KUO HSIANG

Foi um oficial do governo chinês, dos séculos III e IV D.C. Foi um taoísta (que vide) entusiasmado.

Idéias:

1. Cada coisa tem sua natureza individual e seu propósito final e destino, aos quais cada coisa se adapta.

2. Ou não existe nenhum Criador (e todas as coisas ter-se-iam criado a si mesmas), ou então ele é incapaz de materializar todas as formas. Essas formas materializam-se a si mesmas, pelo que se criam a si mesmas, sem a orientação de qualquer Criador geral.

3. As coisas acontecem impelidas pela necessidade. Se deixarmos as coisas entregues a si mesmas, elas cumprirão os seus propósitos.

4. O céu não é algo por detrás do processo da natureza, mas é apenas um vocábulo que usamos para indicar a totalidade da natureza.

5. Quando uma pessoa não está tensa, — o seu espírito pode atingir o seu mais elevado potencial, permanecendo em silenciosa harmonia com suas capacidades mais profundas.

6. No campo do governo, as coisas funcionam melhor quando permitimos que as pessoas atuem de acordo com os seus princípios.

KURTZ, BENJAMIN

Suas datas foram 1795-1865. Foi associado e amigo de S.S. Schmucker (que vide). Os dois estabeleceram o Seminário Teológico de Gettysburg, no estado da Pennsylvania, nos Estados Unidos da América, uma instituição mais liberal que aquela existente em Mount Airy, naquele mesmo estado. Charles Porterfield Krauth (que vide) estudante de S.S. Schmucker, foi o fundador dessa outra escola teológica. E assim a antiga história das lutas entre os teólogos conservadores e os teólogos liberais, recebeu um outro capítulo. Kurtz foi um poderoso porta-voz de suas crenças liberais. Foi editor do *Lutheran Observer*, o que lhe dava meios para atingir outras pessoas com a sua mensagem.

KUYPER, ABRAHAM

Suas datas foram 1837-1920. Foi um teólogo e estadista holandês da Igreja Reformada. Nasceu em Maasshuis, na Holanda. Converteu-se ao calvinismo estrito (que vide). Foi professor de teologia sistemática na Universidade Livre de Amsterdam, onde serviu até à sua morte. Foi um importante líder da ortodoxia calvinista da Holanda. Defendia os direitos das escolas religiosas, e formou a Igreja Cristã Reformada. Além de suas atividades como clérigo e escritor, também foi político, tendo-se tornado um líder do Partido Histórico Cristão, representante das tendências conservadoras, de inclinações intensamente sociais. De 1902 a 1905 foi Primeiro-Ministro da Holanda. Seu método teológico combinava o intelectualismo com uma base bíblica e confessional, par a par com a ênfase sobre a aplicação prática da fé. Sua influência fez-se sentir tanto na Alemanha quanto nos Estados Unidos da América.

KYRIE ELEISON

No grego, uma expressão que significa «Senhor, misericórdia!» Uma das frases gregas incorporadas à missa católica romana e nos cultos da comunhão anglicana, além de ser usada nas litanias das igrejas orientais. Uma variante, usada na missa da Igreja Católica Romana é «Christe eleison». A expressão ocorre por nove vezes na missa, após o introito (que vide). Sua presença no rito latino pode ter sido um simples uso grego que não foi traduzido, ou pode apontar para alguma litania comum, atualmente perdida.